



TÂNIA MEINERZ/IC

Indústria gaúcha avança em meio a diversos desafios

Parque fabril do Rio Grande do Sul busca acelerar inovação enquanto enfrenta dificuldades como falta de mão de obra qualificada no setor

CARTA DO EDITOR

Diversificação da indústria gaúcha é riqueza do Rio Grande do Sul



TÂNIA MEINERZ/JC

Complexo industrial do Grupo Herval, em Dois Irmãos, é um exemplo da amplitude das atividades no RS

Apesar de adversidades, fábricas investem em modernização e ampliação da produção

Guilherme Kolling, editor-chefe
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

A indústria é peça-chave na produção de riquezas e desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Uma das vantagens do Estado é a diversidade do seu parque fabril, com produtos manufaturados em diversos setores e diferentes partes do solo gaúcho.

Embora existam polos industriais característicos, como o calçadista nos vales do Sinos e do Paranhana, e o moveleiro e metalmeccânico na Serra, é possível observar diversificação industrial nas regiões do Estado, graças a milhares de pequenas e médias indústrias espalhadas pelo Rio Grande do Sul.

A produção fabril é indutora do desenvolvimento, o que se nota no Rio Grande do Sul em áreas como a Metropolitana, da Serra, Central e Norte do Estado. A Região Sul também está se desenvolvendo, com grande expectativa de novos

projetos nas áreas naval e, no Centro-Sul, de celulose.

Como acontece todos os anos, o Jornal do Comércio produz em 25 de maio o especial Dia da Indústria, um raio-x dos principais setores em atividade.

Nesta edição conjunta (23, 24 e 25/05), há reportagens sobre as indústrias de máquinas agrícolas, alimentos, bebidas, petroquímica, calçadista, moveleira, celulose, fertilizantes, metalmeccânica, construção civil entre outras. Felizmente, diversos segmentos seguem crescendo, com novos investimentos no Rio Grande do Sul

A reportagem especial aborda



Além do Dia da Indústria, o 25 de maio marca também o aniversário do Jornal do Comércio, que está celebrando 92 anos

o avanço de distritos industriais, mecanismos indutores do desenvolvimento em municípios, atraindo novas empresas e permitindo a expansão delas. Este suplemento ainda trata de dois desafios decisivos para a indústria: o avanço em questões de sustentabilidade e inovação.

Neste último aspecto, o uso da Inteligência Artificial para aprimorar o trabalho, garantindo mais precisão e produtividade, é a bola da vez, o que é tratado como um diferencial importante para quem quiser se manter na ponta do mercado.

Paralelamente, é discutido outro ponto importante para o Rio Grande do Sul atualmente: a formação e retenção de talentos, já que a carência de mão de obra qualificada é um problema que se repete em diferentes setores da indústria gaúcha.

Além do Dia da Indústria, o 25 de maio também marca o aniversário do Jornal do Comércio, que está completando 92 anos de circulação ininterrupta. Atento às constantes mudanças e modernizações necessárias, o JC mantém sua essência, de trazer matérias estratégicas para os negócios, publicando informação com responsabilidade.

SUMÁRIO

página 2	Carta do Editor
páginas 4, 6 e 8	Reportagem Especial - Distritos industriais nos municípios do Rio Grande do Sul
páginas 10 e 12	A indústria de máquinas agrícolas no RS
página 13	Os desafios do setor do aço
páginas 14 e 15	Entrevista com o economista-chefe da Fiergs, Giovani Baggio
página 18	A indústria petroquímica no RS
página 19	Gás natural e a indústria gaúcha
página 20	Investimentos animam setor de celulose
página 21	A indústria de fertilizantes
página 22	A fabricação de bebidas e alimentos
página 23	Produção de vinhos no Estado
página 24	A indústria da construção civil
página 26	Indústria calçadista gaúcha
página 27	A fábrica que faz produtos próprios e também abastece outras fábricas
página 28	A indústria moveleira
página 28	A falta de mão de obra para a indústria
página 29	O setor metalmeccânico da Serra
páginas 30 e 31	Mercado digital - os avanços da Inteligência Artificial na indústria

EXPEDIENTE

■ **Editor-Chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) ■ **Editores-executivos:** Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br) e Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br);
■ **Reportagem:** Ana Stobbe, Caren Mello, Claudio Medaglia, Eduardo Torres, Jefferson Klein, Loraine Luz e Roberto Hunoff ■ **Colunista:** Patricia Knebel ■ **Diagramação:** Ingrid Muller, Luís Gustavo S. Van Ondheusden e Bárbara Jardim

A raiz forte que move o desenvolvimento e transforma o futuro com sustentabilidade.

Celebramos a indústria e as pessoas que fazem dela uma ponte para um mundo cheio de possibilidades e para um planeta mais sustentável.

Nossa homenagem e agradecimento a todos os profissionais da indústria que vivem o natural com a gente!



25 DE MAIO | DIA DA INDÚSTRIA

REPORTAGEM ESPECIAL

Distritos industriais do Estado crescem e se modernizam

Governo do Rio Grande do Sul e prefeituras planejam expansão industrial em municípios estratégicos

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Criados pelo poder público, os distritos industriais concentram empresas de pequeno a grande porte atraídas por incentivos fiscais e logísticos nos municípios gaúchos. O governo do Rio Grande do Sul, por exemplo, possui sete distritos industriais vinculados

ao Programa Estadual de Desenvolvimento Industrial (Proedi). A política, organizada pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico oferece — solicitando contrapartidas — descontos de até 90% na compra de terrenos para que indústrias se estabeleçam nos lotes disponíveis.

Ao todo, os distritos industriais do Proedi somam mais de 5 mil hectares e concentram cerca de 200 empresas. Dois deles, na Região Sul do Estado, estão passando por transformações: o maior, localizado em Rio Grande, com 2.580 hectares, deverá ser modernizado para implantação de novas indústrias e

realocação das atingidas pelas enchentes de 2024; e o menor, localizado em Bagé, está sendo transferido para o poder municipal, não possuindo indústrias alocadas no momento.

Em todos os sete há perspectivas de crescimento, conforme o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo. “Temos distritos industriais, como o de Rio Grande, com potencial de disponibilidade de área e com muitos projetos em curso para investimento, com várias empresas demandando. Outros têm uma área mais limitada. Estamos trabalhando para que possamos alocar

empresas interessadas nos espaços disponíveis para atrair mais investimentos, porque são locais que já têm uma boa estrutura”.

Em muitas das cidades brasileiras, entretanto, os próprios municípios construíram e mantêm os seus distritos industriais. Aqui no Estado, a secretaria possui políticas para auxiliar nessa tarefa, com foco no crescimento econômico do Estado. “Temos linhas de crédito para apoiar as prefeituras a melhorarem a infraestrutura e, assim, poderem receber investimentos de empresas”, pontua Polo.

Na Região Norte, os dois maiores municípios em população

possuem seus próprios distritos industriais e, hoje, focam na sua expansão e modernização. O movimento acompanha o aumento do protagonismo local na economia gaúcha.

Passo Fundo, com cerca de 200 mil habitantes, possui dois distritos e está investindo em obras de infraestrutura nos trevos e estradas que dão acesso a eles. Enquanto isso, Erechim, com seus pouco mais de 100 mil habitantes, construiu recentemente um segundo distrito industrial com 41,2 hectares e já conta com 30 empresas aprovadas para se instalarem nos lotes disponíveis.

Porto Indústria de Rio Grande tem projeto de modernização previsto



YARA/DIVULGAÇÃO/JC

Yara Fertilizantes, que recentemente ampliou sua produção, é uma das principais indústrias instaladas no distrito de Rio Grande, que fica estrategicamente junto ao porto local

O maior distrito industrial do Estado, com 2.580 hectares, é o de Rio Grande, conectado ao porto situado no município do Litoral Sul gaúcho e vinculado à Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico.

Apesar do tamanho, ainda é necessário aprimorar sua infraestrutura e investir na atração de negócios para as áreas disponíveis. Para isso, a secretaria, em convênio com a Portos RS, projeta uma modernização do local.

“Esse é um tema para nós de grande importância, que é de criar um espaço para o desenvolvimento, para a atração de novas

indústrias. E em Rio Grande, o nosso Distrito Industrial é um espaço privilegiado. Eu costumo brincar que a indústria tem no pátio dela um porto para exportar. Isso é um grande diferencial, a possibilidade do escoamento das produções”, reflete a prefeita de Rio Grande, Darlene Pereira.

Entre as melhorias, está prevista a pavimentação de 15 quilômetros de vias internas do Distrito Industrial, assim como obras voltadas à drenagem do local. De acordo com o superintendente da Portos RS, Fernando Estima, estão sendo buscados recursos junto ao governo do Estado para

a execução do projeto, que tem como objetivo, conforme Estima, dar segurança para novos investimentos no local e melhorar as condições de acesso das empresas já instaladas.

Perspectiva semelhante é compartilhada pelo secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo. “A modernização dos distritos industriais tem como reflexo o aumento na atratividade destes espaços para as empresas que desejam investir. São muitos os benefícios que vêm deste processo, como a melhoria da logística, tanto no acesso a transporte quando no de serviços

no entorno, a redução de tempo e custo para se instalar e simplificação dos licenciamentos”.

Uma pequena porção da área do Porto Indústria foi afetada pela enchente de maio de 2024. Portanto, além de realocar as empresas situadas nesses locais, há a expectativa de mover até o Distrito as indústrias situadas em lugares da região que foram diretamente impactados.

Uma delas é a indústria Josapar, que teve sua unidade de Pelotas inundada e optou por transferi-la a Rio Grande. A escolha também levou em consideração os benefícios logísticos da

proximidade com o porto. Com investimento orçado em R\$ 201,7 milhões, sendo 75% financiados pelo BNDES, a expectativa é que a substituição da unidade pelotense pela riograndina seja concretizada em 2026.

Rio Grande também espera a plena operação da primeira biorrefinaria do Brasil, com investimento da Petrobras. Outros aportes podem chegar a partir de leilões previstos, como o de um terminal de celulose e o de um terminal de produtos químicos. Além disso, é esperada uma modernização e expansão do terminal de contêineres, adquirido pelo grupo MSC.



o gás
dos
gaúchos

G L
O B
A L

Energia pra hoje, gás pro futuro.

Em direção a um amanhã mais
sustentável para as nossas indústrias.
Saiba mais sobre a transição energética
que estamos promovendo em
sulgas.com.vc

sulgas

Município de Erechim investe em tecnologia no novo distrito industrial

Na Região Norte do Estado, o município de Erechim possui seu próprio distrito industrial municipal — denominado Paulo Rossetto — desde 1978. Lá, os cerca de 100 hectares comportam em torno de 60 empresas. Com o tempo, questões logísticas passaram a impedir a expansão da área, conforme aponta o prefeito da cidade, Paulo Polis. Com isso, um novo distrito industrial, mais moderno e tecnológico, começou a ser construído em 2023, e deve ter suas obras finalizadas até junho deste ano.

O novo distrito industrial, localizado em outra região do município, conta com 41 hectares e já possui 32 empresas habilitadas para se instalarem no local. “Ele tem uma pegada mais tecnológica, ligada à inovação. Inclui, por exemplo, uma empresa que faz placas eletrônicas para televisores e computadores, e outra voltada para LED. É algo que tem vindo nos distritos industriais mais

recentes, essa questão da tecnologia”, explica Polis.

A cidade, de pouco mais de 100 mil habitantes, atualmente, também conta com um boom empresarial: são quase 22 mil CNPJs ativos. Por isso, a prefeitura também pretende investir em micro, pequenas e médias empresas, que poderão se instalar em uma área localizada a 500 metros do novo distrito industrial, que está com o projeto pronto, mas ainda não teve as obras executadas.

“Hoje nós temos uma indústria metalmeccânica forte, uma indústria de alimentação com frigoríficos, balas e chocolates, enfim. E também muitos serviços”, pontua o prefeito.

Aliado a isso, está a geração de empregos: são criadas, em média, quase 100 novas vagas de trabalho por mês no município, e o Executivo tem como desafio preenchê-las.

Nesse sentido, a cidade, emprega seus próprios habitantes e oferece postos de serviços para a população



PREFEITURA DE ERECHIM/DIVULGAÇÃO/CIDADES

Criação de novo complexo industrial ajudou a fomentar o setor na cidade da Região Norte do Estado

da Região do Alto Uruguai, da qual faz parte. Por outro lado, também atrai migrantes: além dos cerca de 4,5 mil estrangeiros, grupo formado principalmente por senegaleses, haitianos e venezuelanos, há famílias

que saíram do Vale do Taquari após as enchentes de 2023 e 2024, fixando residência em Erechim.

Assim como em Passo Fundo, o município de Erechim também está investindo em infraestrutura viária.

Enquanto a rua João Caruso, que dá acesso ao antigo distrito industrial, foi ampliada, o novo distrito industrial está tendo um trevo de acesso construído, com entrega prevista para junho próximo.

Passo Fundo aposta em infraestrutura e prepara edital para indústrias

Com dois distritos industriais (Invernadinha e Paulo Rossetto), Passo Fundo, a maior cidade da Região Norte do Estado, conta com importantes empresas instaladas em cada um deles, mas que enfrentam um problema antigo: a dificuldade logística de seus acessos. Atualmente, ambos os trechos estão recebendo investimentos da prefeitura voltados ao aprimoramento da estrutura viária. “São as duas maiores obras que nós estamos realizando no município neste momento”, garante o prefeito Pedro Almeida.

O trevo de acesso ao Distrito Industrial Paulo Rossetto, onde estão instaladas empresas como Ambev e Italac, receberá um investimento de R\$ 18,2 milhões em obras já

iniciadas, que devem ser finalizadas em até 12 meses. A intervenção será realizada em dois quilômetros da via e, segundo o prefeito, deverá “dar mais segurança e destravar um gargalo logístico muito antigo da cidade”.

Por outro lado, o Distrito Industrial Invernadinha, que comporta a Be8 e a Kuhn do Brasil, deverá receber a ordem de serviço para o início das obras muito em breve. Almeida garante que será realizada uma intervenção em quatro quilômetros da via de acesso ao local, com melhoria na infraestrutura, canalização e iluminação, tanto na área quanto no seu entorno.

É possível que Passo Fundo receba mais investimentos industriais a partir de uma área de 45 hectares

da antiga Manitowoc, localizada à margem da RS-324, próxima ao Distrito Industrial Paulo Rossetto e que foi retomada pelo município em 2024. No momento, estão sendo realizados estudos para a abertura de um edital de licitação de ocupação do espaço. “Tenho certeza que a área vai trazer aí um grande player da indústria para gerar mais emprego, investimento e renda em Passo Fundo”, acrescenta Almeida.

Por outro lado, indústrias locais têm sido ampliadas com recursos privados. É o caso da Be8, que realizou um dos maiores investimentos da história do município em uma usina de produção de etanol, cujas obras, iniciadas em abril deste ano, devem ter um aporte de mais de R\$ 1 bilhão.



BE8/DIVULGAÇÃO/JC

Be8 investe na planta em Passo Fundo, onde começará a produzir em 2026 etanol e glúten vital a partir do trigo

Bagé planeja criar um polo de desenvolvimento com centro logístico

MARCOS NAGELSTEIN/MTUR/JC



Prefeitura receberá área do Distrito Industrial, transferida pelo Estado

O menor distrito industrial vinculado ao governo do Estado, com 67,56 hectares, está em processo de cessão à prefeitura de Bagé. A demanda para que o Executivo municipal assumisse o complexo, conforme informou o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo, partiu do próprio governo bageense.

“É um distrito que há muito tempo está instalado e tem esse movimento junto ao governo municipal para poder avançar e fazer com que essas áreas sejam utilizadas para investimentos, gerando empregos e oportunidades de trabalho”, avaliou Polo.

Localizado ao leste da zona urbana do município, o Distrito Industrial de Bagé tem sido um ponto de atenção da gestão do prefeito Luiz Fernando Mainardi, que está pela terceira vez comandando o

município. “Iniciamos um trabalho de criar um polo de desenvolvimento”, afirmou em entrevista ao JC. A ideia é que a região sirva como uma espécie de centro logístico, integrando a Região da Campanha e o Porto de Rio Grande. A proposição está em fase de planejamento.

Mas a região enfrenta uma dificuldade logística que se torna empecilho ao desenvolvimento industrial, na avaliação de Mainardi. “Quando você industrializa um produto, tem que ter um mercado e nós, na fronteira, estamos muito longe e temos uma população pequena, não tem mercado local”, pontua. O Distrito Industrial de Bagé, apesar dos incentivos do Estado, não é região de preferência das indústrias locais. “Hoje, elas foram muito mais para a entrada da cidade, do outro lado, e queremos impulsionar a região”, explica.



**Quem tem conta empresarial
Banrisul agora tem limite turbinado
do cartão Banricompras Empresas.**

E vai poder comprar com mais vantagens tudo o que precisa para o seu negócio.

**É o seu capital de giro
sem custo!**

E se você tem uma empresa que vende para PJ, aproveite também!

Ofereça para os seus clientes as condições imbatíveis que o Banricompras Empresas tem.



SAIBA MAIS



banri
compras

Gravataí inova e cria pequenos distritos industriais no município

Objetivo é garantir investimentos de empresas de pequeno porte que não têm espaço para crescer

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A criatividade tem feito a diferença em Gravataí para garantir a atração de investimentos e a ampliação de atividades industriais, em um momento em que encontrar áreas disponíveis na Região Metropolitana de Porto Alegre é um desafio. A solução encontrada foi a criação de pequenos distritos e condomínios industriais em áreas que pertenciam ao poder público. Já são dois desses distritos em instalação e pelo menos outros dois em fase de planejamento pelo governo municipal.

"A procura de empresas

interessadas em se instalarem em Gravataí aumentou muito, especialmente após, e já durante, a cheia do ano passado, porque fomos muito pouco atingidos. Naturalmente, algumas áreas privilegiadas, em que não houve alagamento, chegaram a quadruplicar seus valores. Nós tratamos de criar condições de garantir instalações de novas indústrias de pequeno e médio porte e de ampliar, em áreas mais adequadas, as operações de algumas já atuantes em Gravataí com um modelo de venda incentivada, tendo a geração de empregos como um pilar fundamental", explica o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Gravataí, João Maria de Campos.

A mais recente das áreas vendidas a um grupo de 10 empresas – oito delas já atuantes em Gravataí e outras duas vindas de Esteio e Cachoeirinha – teve a entrega simbólica celebrada no final de fevereiro. Somente nesta concentração



Desenvolvimento industrial do município teve impulso em 2000, com o complexo automotivo da GM

de indústrias, explica o secretário, serão em torno de 180 novos empregos em um prazo de cinco anos, ou 58% a mais do que elas empregam hoje.

"Desde 2010 este grupo de empresas buscava uma área mais adequada à ideia de expansão desses negócios. E essa não é uma oportunidade muito comum para pequenas indústrias, por isso trabalhamos em grupo. Entre as 10 empresas, sete estão em áreas residenciais e outras três em áreas locadas sem qualquer possibilidade de expansão para os seus processos. Hoje, estão todas em áreas de, no máximo, 300 metros quadrados. Com essa área, em média, serão 1,5 mil metros quadrados para cada operação. Um avanço que garantirá certamente novos negócios e mais empregos", diz o presidente da Associação Setorial Metal-Mecânica do Vale do Gravataí (Semmegra), Dilque Diones, que representa as empresas a serem instaladas nesta mais recente área destinada por Gravataí.

Trata-se de uma área com 15 mil metros quadrados no bairro Neópolis, no limite entre Gravataí e Cachoeirinha, nos arredores da rodovia ERS-118, em um espaço adequado à atividade industrial. De acordo com Campos, era uma área pertencente à prefeitura e sem previsão de uso. "Temos uma lei de incentivo para

A tradição industrial

■ Criado pela antiga Cedic (Companhia Estadual de Desenvolvimento e Indústria, hoje equivalente à Secretaria de Desenvolvimento Econômico) em 1973 em uma leva de cinco distritos industriais – Gravataí, Cachoeirinha, Santa Maria, Rio Grande e Butiá – em uma área de 387 hectares ao lado da então nova rodovia freeway, o Distrito Industrial de Gravataí é um dos mais tradicionais do Rio Grande do Sul. ■ São 27 empresas instaladas na área original do distrito, no

entanto, com a expansão, venda e adequação das áreas do Distrito Industrial, já são 132 empresas instaladas na região.

■ Além do Distrito Industrial, Gravataí conta com pelo menos outras três regiões de concentração industrial e logística, no Complexo Automotivo (também às margens da freeway), às margens da rodovia ERS-118 e no bairro Parque dos Anjos.

■ Ao todo, Gravataí tem hoje 46,6 mil empresas ativas. Desse total, 908 são indústrias.

esse perfil de empreendimento, com a venda incentivada, reduzindo em até 90% o valor da área para os empreendedores, com redução de 5% a até 2% e tendo como condicionante a geração de emprego gradual em um prazo de cinco anos a partir da instalação. Então, o retorno de impostos com esses empreendimentos não é imediato, mas a movimentação da economia, sim. É como diz o nosso prefeito Luiz Zaffalon, estamos tirando pessoas da fila do desemprego para a fila do supermercado. São empregos que serão gerados", comenta o secretário.

O diálogo entre a Semmegra e a prefeitura iniciou em dezembro de 2021, até a viabilização do projeto, com adequação aos incentivos do

município. Ao todo, as 10 empresas, que atuam em atividades como automação, caldeiraria, manutenção industrial, usinagem e balanceamento para outras indústrias, investirão R\$ 14 milhões para erguer o novo distrito. E já há perspectiva de valorização com o anúncio.

"Logo que anunciamos a entrega das áreas, outras pequenas indústrias me ligaram interessadas em se instalarem, mesmo sem incentivos, ao redor desse novo distrito. Muitas vezes, nossas empresas atuam em consórcio para projetos específicos, porque são complementares. Em breve, uma área que estava subutilizada será um novo e eficiente ecossistema industrial para a cidade", aponta Diones.



Entrega simbólica de terrenos a 10 empreendedores ocorreu neste ano

Futuro distrito industrial "dentro" do complexo automotivo de Gravataí ainda depende de trâmites burocráticos

A perspectiva é de que em dois anos as empresas estejam atuantes naquela área. Foi o segundo local entregue pelo município, em um projeto iniciado em 2024 – justamente após as inundações no Estado.

Dentro da própria área do tradicional Distrito Industrial de Gravataí, a prefeitura tinha uma área originalmente reservada à construção de um novo Centro Administrativo. O plano, porém, foi abortado com a compra das instalações até então

pertencentes à Ulbra, e que hoje já abrigam praticamente toda a administração municipal.

O destino daquela área, um pouco menor, foi a divisão em lotes e a venda incentivada para seis pequenas e médias indústrias que já trabalham na transformação dos terrenos e devem estar operando até o final de 2026. "Sempre que abrimos uma nova área, como fizemos nestes dois casos, já tem fila de empresas interessadas em adquirir

uma área e se instalar em Gravataí", garante Campos.

A perspectiva é de que a ideia tenha o seu ápice nos próximos meses. Desde a instalação do Complexo Automotivo da General Motors, havia a previsão de cedência de uma área com pelo menos 40 mil metros quadrados ao município. Mesmo com a doação da área já concluída pela multinacional, o imbróglie prossegue, com questionamentos relativos ainda à indenização por parte do

governo estadual aos antigos moradores da área que se transformou no complexo.

Quando vencidas as questões burocráticas, a intenção do governo local é transformar a área em mais um pequeno distrito industrial, com até 40 empresas instaladas. Neste caso, há uma parceria com a Associação Comercial, Industrial e de Serviços (Acigra) para a definição das empresas que se instalarão ali. E o secretário

garante: a fila já está grande.

O possível quarto pequeno distrito a ser criado em Gravataí será o único vocacionado. Trata-se de uma área junto ao loteamento residencial de alto padrão Prado, no qual já há o Prado Tech, que é o parque tecnológico e de startups de Gravataí. Naquela área, com 15 mil metros quadrados e que também deverá ser desmembrada, o projeto é atrair empresas de tecnologia, reforçando o hub de inovação da cidade.

APRECIE COM MODERAÇÃO

BATUCA

CELEBRAR CONQUISTAS É PARTE DO QUE NOS *faz crescer.*

A Vinícola Aurora nasceu da união de produtores, cresceu com o trabalho coletivo e se consolidou como a maior cooperativa vitivinícola do Brasil. Hoje, somos também a vinícola mais premiada do país.

E celebramos, com respeito e admiração, o aniversário de quem há décadas conta essa e tantas outras histórias com seriedade: o Jornal do Comércio.

Que venham mais conquistas, mais histórias e, claro, mais brindes.



VINÍCOLA
AURORA
somoscoop

MÁQUINAS E IMPLEMENTOS**Indústria de máquinas agrícolas espera crescer 8,2% em 2025**

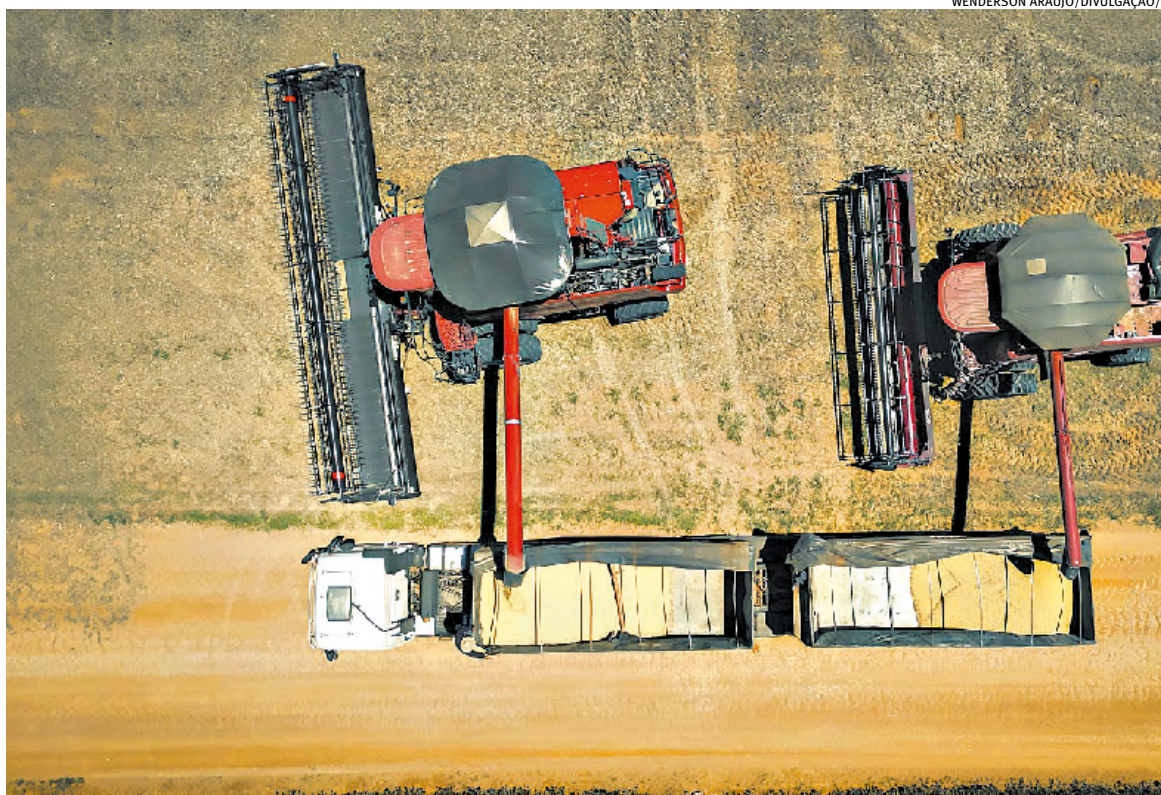
Valorização de commodities importantes e safra cheia na maioria dos estados produtores puxaram negócios no primeiro trimestre

Claudio Medaglia

claudiom@jcrs.com.br

Ainda que lenta, a demanda por máquinas, implementos e sistemas de agricultura de precisão vem mostrando recuperação no Brasil. Após um 2022 em que as indústrias tiveram faturamento recorde de R\$ 97 bilhões, seguiram-se dois anos de sucessivas quedas nas vendas, chegando a R\$ 61 bilhões no ano passado. Mas para 2025, a expectativa do setor é de chegar a dezembro com um resultado 8,2% maior.

O contexto de retomada se alinha à valorização de commodities importantes, como soja e milho, cuja combinação de preços em elevação e safra cheia na maioria das regiões produtoras sustenta novos investimentos. Isso sem falar nas performances valorizadas da cana-de-açúcar, do café, do algodão, da carne e mesmo do arroz, até os primeiros meses do ano, avalia a Associação Brasileira da



WENDERSON ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC

Otimismo se baseia no desempenho trimestral e no cenário de valorização de commodities com safra cheia

Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

“Não é um ano maravilhoso, mas para pagar as contas, depois de um 2024 muito ruim, devido à seca severa em todo o Brasil. E com o produtor sem dinheiro para comprar máquinas, o mercado caiu. Mas, agora, estamos projetando um aumento superior a 8%”, diz Pedro Estevão, presidente da Câmara Setorial de

Máquinas e Implementos Agrícolas da entidade.

A referência para acreditar nesse desempenho são os resultados obtidos no primeiro trimestre, quando o faturamento foi 24% superior ao verificado no mesmo período do ano passado. De acordo com o dirigente, as taxas de juros são um problema, e as vendas seriam melhores com percentuais menores. Mas a Abimaq sustenta

a projeção de crescimento mesmo considerando os juros elevados praticados pelos agentes financeiros, de até 18% ao ano.

Um termômetro dos negócios foi a Agrishow, realizada em abril, em Ribeirão Preto (SP). No evento, as indústrias registraram uma intenção de compra de R\$ 14,2 bilhões.

“Grande parte desses pedidos vira dinheiro se tivermos uma taxa

de juros razoável no próximo Plano Safra. Mesmo se houver um pequeno aumento, de 1% ou 2%, acredito que sejam índices digeríveis, pois temos 11,5% no Moderfrota e 5,5% no Pronaf”, observa, acrescentando que cerca de 30% das vendas são diretas, a curto prazo, sem financiamento.

Estevão analisa que o principal desafio para os próximos dois anos, aliás, será justamente a questão do crédito e das taxas cobradas dos produtores. Com a Selic em alta, os subsídios também encarecem, e o governo não tem dinheiro suficiente para aportar.

“Podemos melhorar logística e infraestrutura, mas taxa alta mata. O governo gastou R\$ 20 bilhões em subsídios em 2025. O Congresso Nacional aprovou R\$ 15 bilhões, e o número mágico que tem sido falado é de R\$ 25 bilhões. Tem um buraco de R\$ 10 bilhões nessa conta”.

Já o cenário para vendas no mercado externo ainda precisa ser desvendado. O faturamento com exportações foi de US\$ 1,8 bilhão em 2022 e se repetiu no ano seguinte. Em 2024, houve recuo para US\$ 1,5 bilhão, por conta da desvalorização das commodities. E, em um ambiente de relações internacionais ainda não tão claras, especialmente em relação aos efeitos da disputa tarifária entre Estados Unidos e China, a Abimaq avalia que ficou mais difícil vender para outros países.

Mercado gaúcho de equipamentos está em adaptação, avalia Massey Ferguson

Quem também espera crescimento na demanda por máquinas agrícolas no Rio Grande do Sul é a Massey Ferguson. O grupo vê sinais de recuperação do setor no Estado

e um mercado em adaptação, com perspectiva de um segundo semestre mais favorável.

De acordo com o gerente nacional de vendas, Ordely Júnior,

os agricultores gaúchos estão ampliando a contratação de seguro rural, os investimentos em irrigação e o planejamento no campo. Ele considera que o apoio do Plano Safra

2025/2026 também será um fator determinante para acelerar o investimento em novos equipamentos.

“(O Plano Safra 2025/2026) Será fundamental para impulsionar os negócios no segundo semestre. O produtor já está se antecipando com crédito pré-aprovado, mas o Plano deve reforçar essa tendência, oferecendo as condições necessárias para que mais investimentos em mecanização e tecnologia aconteçam”.

Com segmentos como cana-de-açúcar, citros, café e pecuária aquecidos, o investimento do produtor ganha impulso. E a empresa aposta também em novas tecnologias e soluções, projetando aceleração da recuperação do mercado.

A estratégia da Massey Ferguson tem sido estreitar a relação com o agricultor, ajudando a superar as adversidades com planejamento e resiliência, oferecendo soluções em inovação, com foco em tecnologia e eficiência no campo, bem como

máquinas que atendem às realidades regionais, suporte técnico e opções de financiamento e consórcio.

“É possível financiar por meio do banco de fábrica da Massey Ferguson até 100% do valor da máquina agrícola, com o vencimento das parcelas atrelado à safra e disponibilidade de crédito o ano todo, independentemente do Plano Safra e sem vínculo ao BNDES. Já o consórcio é uma ótima alternativa para o produtor que deseja renovar seu maquinário, ampliar sua frota, além de ser uma programação de compra futura de máquinas. A modalidade possui o diferencial de oferecer valores acessíveis, sem a cobrança de juros ou de entrada”, acrescenta.

São alternativas, ainda, o banco de fábrica da Massey, que disponibiliza linhas de financiamento em moeda nacional e estrangeira, e o consórcio, com toda a linha de produtos - tratores, colheitadeiras, pulverizadores, plantadeiras, plataformas e implementos.



MASSEY FERGUSON/DIVULGAÇÃO/JC

Estratégia da empresa para fomentar vendas é manter aproximação com os agricultores



DIA DA INDÚSTRIA:

CONSTRUINDO O FUTURO COM INOVAÇÃO

A indústria é o **motor do progresso**. Por trás de cada engrenagem, há pessoas transformando desafios em soluções. Neste Dia da Indústria, queremos agradecer aos parceiros que acreditam na missão do **CIEE-RS** em ser **uma ponte para jovens e oportunidades no setor**.

Essa parceria tem impacto real: de acordo com a Pesquisa Aprendiz 2025, **66%** dos aprendizes querem permanecer nas empresas onde se desenvolvem, evidenciando o quanto essas conexões são significativas para os jovens. Além disso, **75%** afirmam estar adquirindo habilidades importantes, reforçando o papel estratégico da indústria na formação de jovens profissionais.

Juntos, estamos promovendo **inovação**, criando **oportunidades** e construindo **um futuro melhor** para o estado.



cieers.org.br 
(51) 3363-1000 
relacionamento@cieers.org.br 

Valtra vê alta na demanda por motores de baixa potência

É no controle das indústrias que o movimento ascendente no ritmo de comercialização de máquinas agrícolas se confirma. No Brasil e no Rio Grande do Sul, os negócios vêm se confirmando nos primeiros meses de 2025, renovando a esperança e a expectativa pela recuperação, embora muitos resquícios dos recentes episódios climáticos ainda respinguem no balanço das propriedades rurais.

O impulso vem sendo percebido pela Valtra, de origem finlandesa e pertencente à AGCO, que está completando 65 anos de Brasil. A empresa considera um aumento de 3% a 5% nas vendas deste ano em relação a 2024. Os negócios são puxados principalmente por tratores de baixa potência (até 50 CV), aproveitando o bom momento de preços de produtos como café, frutas e fumo. “Nesse segmento, crescemos 4,7% no primeiro trimestre. Mas também há demanda por equipamentos de até 100 CV. Máquinas de média e alta potência é que estão ainda em baixa, como colheitadeiras, pulverizadores e plantadeiras, por exemplo”, conta o diretor comercial da empresa, Claudio Esteves.

E, segundo ele, os resultados de vendas verificados no Rio Grande do Sul até março superam a média nacional, e mostram crescimento na comparação com 2024.



AGCO/DIVULGAÇÃO/JC

Negócios estão sendo puxados por máquinas com até 50 CV

“O produtor gaúcho tem muita resiliência e capacidade de transformação. Vemos uma reação positiva do setor no Estado, que ainda sofre com os desdobramentos das últimas estiagens e a enchente do ano passado. Aliás, não percebemos impacto da tragédia. Poderíamos, claro, ter resultado melhor, mas o RS não deixou de investir”, acrescenta.

A Valtra aposta no aprimoramento do pacote tecnológico como ferramenta para apoiar os produtores. E, por isso, o portfólio de produtos oferecido no Brasil não fica para trás na comparação com o que é colocado à disposição dos produtores rurais pelo mundo.

Para Esteves, o ponto de

inflexão para determinar o rumo dos negócios é mesmo a sinalização do governo em relação às taxas de juros e à oferta de recursos para o Plano Safra 2025/2026. Ele avalia que a manutenção nos patamares atuais seria uma grande vitória, mas ressalta a sequência de aumentos da taxa Selic como alerta.

O cenário exige, então, criatividade para poder vender produtos de alto valor agregado. E os consórcios viram fonte de crédito. A empresa ampliou o prazo de 120 meses para 150 meses, o que permite a redução do valor das parcelas na modalidade, que não cobra juros, mas uma taxa de administração 1,12% ao ano.

Tecnologia está no centro das atenções por eficiência, diz CEO da SLC Máquinas

Sob efeito de quatro anos com finanças combalidas pela estiagem e as perdas de safra, o produtor rural gaúcho vai às compras com menos apetite. E, em 2025, procura atuar para proteger os pontos mais sensíveis do seu negócio. Nesse ritmo, buscando a melhor solução para otimizar resultados, o empresário rural intensifica esforços para fazer investimentos em tecnologia, avalia o CEO da SLC Máquinas, Anderson Strada.

“Eficiência, produtividade, sustentabilidade e rentabilidade estão no centro das atenções. A procura é por máquinas com mais tecnologia embarcada e pelo uso de kits tecnológicos para melhorar

a performance dos equipamentos que tem na propriedade”, diz.

O desempenho de vendas de janeiro a abril ficou dentro do estimado. E a empresa projeta aumento de até 5% em volume até o final de 2025, ano de transição para a John Deere e que deve ter por marca o maior volume de lançamentos de produtos. Não por acaso, a multinacional americana representada no Estado pela SLC implantou um centro de desenvolvimento tecnológico em Campinas (SP), e os primeiros modelos já começam a entrar no mercado.

“Tecnologia e Inteligência Artificial serão fundamentais para o futuro da atividade, com mais rentabilidade e sustentabilidade.”



ANA TERRA FIRMINO/JC

Produtor busca soluções para otimizar atividade, afirma Strada

Vendas cresceram 5,4% no Rio Grande do Sul de janeiro a abril, com ênfase em tratores agrícolas

No Rio Grande do Sul, fatores climáticos, combinados com um cenário econômico desafiador, resultaram em um desempenho de vendas no RS abaixo da média nacional desde 2023. Mas, apesar desses desafios, o mercado apresenta sinais heterogêneos nos primeiros meses deste ano. De janeiro a abril de 2025, os negócios alcançaram R\$ 9,1 bilhões, o que representa uma elevação real de 5,4% em relação ao mesmo período de 2024, diz o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) e do Sindicato da Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas (Simers), Claudio Bier.

No entanto, os indicadores industriais do segmento, apurados pela Fiergs, apontam um leve recuo no faturamento, de 0,3%. “Analisando os produtos com maior impacto na produção industrial do setor no Estado, conforme pesquisa do IBGE, observa-se que os tratores agrícolas têm impulsionado positivamente a produção. Em contrapartida, máquinas para colheita e secadores de produtos agrícolas influenciaram negativamente o desempenho industrial”, afirma.

Mais de 85% das vendas do setor no RS são de máquinas e equipamentos destinados à agricultura e pecuária, enquanto cerca de 10% correspondem a tratores e os 5% restantes referem-se a máquinas e equipamentos para irrigação, conforme dados das notas fiscais da Receita Estadual. Bier analisa que

esses segmentos tiveram desempenhos diferentes no primeiro quadrimestre do ano. “As vendas de tratores recuaram 0,8% no período, enquanto o setor de máquinas e equipamentos para agricultura e pecuária apresentou um crescimento de 5,9% e as destinadas à irrigação uma alta de 20,3%”, acrescenta.

Claudio Bier considera que as enchentes que atingiram o RS em maio de 2024 tiveram um forte impacto no setor de máquinas e implementos agrícolas. “Para se ter uma ideia do reflexo imediato, naquele mês, as vendas despencaram 60,2% em comparação com maio de 2023, refletindo diretamente as

difficultades enfrentadas pelos produtores e empresas. Os Indicadores Industriais da Fiergs também mostraram uma queda significativa de 33,7%, enquanto o faturamento das empresas do setor recuou 61%”.

Ele aponta que a elevada concentração de endividamento entre os produtores rurais, resultado das perdas causadas pelos sucessivos episódios climáticos, se configura como um “entrave estrutural” à recuperação do mercado de máquinas e implementos no RS.

“Desde 2018, o Estado tem enfrentado cinco eventos severos de seca e duas enchentes significativas, que resultaram em perdas agrícolas sucessivas, pressionando o endividamento do setor rural. Segundo dados da Farsul, o valor já se aproxima de R\$ 73 bilhões. A restrição financeira imposta reduz o potencial de modernização do parque produtivo agrícola, limitando a demanda por máquinas e equipamentos e retardando a recuperação do setor no Estado”, diz Bier. Ele também ressalta a criação de 1,8 mil postos de trabalho no primeiro trimestre, refletindo uma melhora relativa nas condições de emprego.



ÁLVARO PARMIGIANI/ARQUIVO PESSOAL/JC

Do total de vendas de máquinas e equipamentos no Estado, 5% referem-se a produtos para a irrigação

COMÉRCIO EXTERIOR

Aço importado desafia resiliência do setor

Em 2024, as importações de aço laminado para o Brasil cresceram 57%

Loraine Luz, especial para o JC

A indústria gaúcha de aço acompanha o cenário brasileiro do setor como um todo e está desafiada pelos mesmos motivos, ainda que desempenhos satisfatórios estejam sendo registrados. “Além do histórico baixo crescimento do País, que se reflete em um baixo consumo per capita de aço em comparação com outros países, atualmente o setor lida com a concorrência predatória do aço importado, principalmente oriundo da China, que inunda o mercado brasileiro e, mais recentemente, a eliminação das cotas de isenção de tarifas para exportação

de aço brasileiro ao mercado americano que teve vigor entre 2018 e março deste ano”, pontua Marco Polo de Mello Lopes, presidente executivo do Instituto Aço Brasil.

Em 2024, as importações de aço laminado cresceram 57% em relação à média de importação verificada entre 2020 e 2022, para 4,77 milhões de toneladas. Conforme a entidade, deverão atingir 5,3 milhões de toneladas em 2025, o que equivaleria a 16% da produção e 25% das vendas externas.

Como associada, a gaúcha Gerdau se alinha ao Instituto Aço Brasil nas discussões e definições de novas medidas, junto às instituições setoriais e órgãos competentes do governo federal, visando à defesa comercial do País a fim de reequilibrar o mercado e reforçar um ambiente competitivo mais isonômico para a indústria nacional. A



Gustavo Werneck, da Gerdau, percebe concorrência desleal no País

recomposição das cotas de exportação de aço para os Estados Unidos também está na agenda do Instituto.

“A concorrência desleal, provocada pela entrada excessiva de aço importado no País, sobretudo de origem asiática, tem sido um dos maiores desafios enfrentados pela indústria brasileira. Dessa forma, o produto chega em condições comerciais desiguais, com baixa qualidade e a preços baixos, comprometendo a competitividade das empresas que produzem localmente”, destaca

Gustavo Werneck, CEO da Gerdau.

Com 124 anos de história, a Gerdau é a maior empresa brasileira produtora de aço e uma das principais fornecedoras de aços longos nas Américas e de aços especiais no mundo. Em Charqueadas, a empresa inaugurou recentemente um novo forno de recozimento e esfoidização, voltado à modernização das operações de aços especiais. Na unidade de Sapucaia do Sul, foi concluída a modernização da aciaria de aços longos na Riograndense.

A indústria brasileira

- A indústria brasileira de aço está presente em 10 estados, em 31 unidades.
- Em 2024, produziu 34 milhões de toneladas, alta de 5,8% em relação a 2023.
- No ano passado, a produção de aço do Rio Grande do Sul representava 1,8% do total nacional.
- O setor investe cerca de R\$ 12,5 bilhões por ano.
- Gera metade da energia consumida por meio de aproveitamento de gases de processo e operação de usinas de energia.
- Recircula 97% da água utilizada em seus processos.
- Recicla 8 milhões de toneladas de suco por ano.
- Reaproveita 94% dos resíduos gerados, que se tornam coprodutos destinados, por exemplo, à pavimentação e nivelamento de vias, produção de cimento e uso agrônomo.

Fonte: Instituto Aço Brasil

“Essas iniciativas reforçam a relevância dos ativos gaúchos para o desenvolvimento econômico da região e para a estratégia de crescimento de longo prazo da companhia.”

No Estado da inovação, a Braskem criou O PRIMEIRO POLÍMERO de fonte renovável DO MUNDO.

A Braskem é líder global de mercado e pioneira na produção de biopolímeros em escala industrial. Esta inovação surgiu aqui, no Rio Grande do Sul, e é exportada globalmente através da marca **i'm green™ bio-based**, gerando reconhecimento, empregos e tributos para o Estado.

É por isso que a Braskem celebra, com orgulho, o 15º aniversário de seu portfólio de fonte renovável, reforçando seu foco no desenvolvimento contínuo e o compromisso de apoiar a indústria, seus clientes e a sociedade em sua jornada de sustentabilidade.

Braskem

Saiba mais sobre
i'm green™ bio-based.



ENTREVISTA

'Impulso na indústria do RS no pós-enchente está perdendo força'

Economista-chefe da Fiergs acredita que a venda de máquinas pode equilibrar resultados

Caren Mello

caren.mello@jcrs.com.br

A indústria gaúcha passou por dois anos difíceis, começando com a estiagem em 2023 e culminando com as enchentes nos meses de abril e maio do ano passado, com reflexos que ainda estão sendo sentidos no Rio Grande do Sul. Embora logo nos primeiros meses após a crise climática tenha havido uma recuperação, em função da mobilização dos recursos, o início de 2025 não acompanhou o movimento. A atividade da indústria caiu, e só não foi pior em função do

agronegócio.

Nesta entrevista, o economista-chefe da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Giovani Baggio, aponta alguns sinais de recuperação do setor. As exportações para a Argentina e a supersafra no centro do País devem impactar positivamente nos indicadores.

Jornal do Comércio – Como foi o desempenho da indústria gaúcha nos meses pós-enchente até este ano?

Giovani Baggio – O que estamos vivendo é uma certa desaceleração da atividade em relação ao que houve no pós-enchente. Tivemos uma recuperação muito rápida nos primeiros meses, inclusive nos surpreendendo positivamente. Quando comparamos com outros desastres no Brasil e no mundo,

a atividade econômica, geralmente, demora para voltar. Mas o que vimos em termos de produção da nossa indústria foi um retorno muito rápido ao nível de antes das enchentes. (Houve) mobilização de recursos e de esforços... Por conta dessa demanda de reconstrução, de reposição de infraestrutura física, tanto pública, quanto privada, atendimento de pedidos, tudo isso fez com que o período logo após as enchentes fosse bem positivo.

JC – Quais os segmentos de melhor desempenho nesse período?

Baggio – Foram diversos segmentos. Material de construção, móveis, eletrodomésticos... Tudo isso nos ajudou. E o que estamos vendo agora é uma desaceleração da atividade. Esse impulso que aconteceu no pós-enchente está perdendo força. Esse início de ano,



ANA TERRA FIRMINO/ARQUIVO/JC

Supersafra brasileira deve impactar no Rio Grande do Sul, aponta Baggio

por diversos indicadores, temos as notas fiscais que a Receita Estadual disponibiliza, temos a produção industrial do IBGE, temos os nossos indicadores internos, o nosso indicador mais importante aqui o Índice de Desempenho Industrial (IDI), com desempenho mostrando essa desaceleração no início do ano.

JC – O IDI cresceu 0,6% no trimestre. Esse índice deve se manter?

Baggio – Temos os dados

fechados do primeiro trimestre, que até apontam esse leve crescimento. Mas, nos últimos meses tem sido negativo. A produção industrial – o último dado é de março – apresentou três meses consecutivos de queda. Nos nossos indicadores dos últimos quatro meses, três foram de queda e um foi de estabilidade. É uma desaceleração.

JC – Qual a participação das exportações nesse desempenho?

Baggio – Começamos o ano com o cenário positivo de janeiro


controle[®]
assessoria empresarial

MENSURAÇÃO DO VALOR JUSTO DE EMPRESAS E ATIVOS

- > IMPAIRMENT TEST (REDUÇÃO AO VALOR RECUPERÁVEL DE ATIVOS)
- > AVALIAÇÃO DO GOODWILL E ÁGIO PARA COMBINAÇÃO DE NEGÓCIOS
- > DETERMINAÇÃO DA DEPRECIAÇÃO PELA VIDA ÚTIL
- > AVALIAÇÃO DE BENS MÓVEIS E IMÓVEIS
- > AVALIAÇÃO DE EMPRESAS E DE MARCAS
- > PERÍCIAS E ASSESSORIAS



controle-rs.com.br | contato@controle-rs.com.br

Gravataí lança plataforma para facilitar investimentos

Gravataí lançou, nesta semana, o Invest Gravataí, plataforma que reúne os diferenciais econômicos, logísticos, fiscais e estruturais da cidade em setores como indústria, inovação, serviços e agronegócio. A iniciativa visa consolidar a cidade como um dos principais destinos do Brasil para novos investimentos.

As informações disponíveis no site destacam uma economia local sólida, com ambiente favorável ao empreendedorismo e com políticas públicas estruturadas. Para o prefeito Luiz Zaffalon (PSDB), a ferramenta deve gerar facilidade.

“Um dos nossos diferenciais é que eu atendo particularmente os empreendedores. A plataforma terá todas as informações básicas para adiantar e facilitar a tomada de decisão com confiança”, destaca o prefeito. O investidor que entrar em investgravatai.com.br e se interessar por apostar na cidade, portanto, será encaminhado ao WhatsApp da prefeitura.

Gravataí é a quarta maior economia do Rio Grande do Sul, com PIB de R\$ 12,4 bilhões. Mais de 8,9 mil novas empresas foram formalizadas e 8,4 mil empregos criados desde 2021. Além disso, 2024 somou R\$ 1 bilhão em investimentos imobiliários.

Para Zaffalon, Gravataí colhe os frutos de um trabalho que coloca o cidadão e o empreendedor no centro das decisões. Ele, aliás, é um otimista sobre as Parceria Público Privadas (PPPs).

“Criamos uma estrutura legal e institucional que facilita a instalação de novos empreendimentos e garante suporte às empresas que já estão aqui. Temos um Plano Diretor pró-desenvolvimento, infraestrutura renovada, incentivos específicos e um canal direto de relacionamento com os setores produtivos. Além disso, nossa localização nos coloca entre os principais corredores logísticos do Mercosul”, salienta.

Distante apenas 15 minutos do Aeroporto Internacional de Porto Alegre, acesso direto à Freeway (BR-290) e posição central entre São Paulo e Buenos Aires, sua malha rodoviária



PREFEITURA DE GRAVATAÍ/DIVULGAÇÃO/CIDADES

Programa Invest Gravataí reúne informações logísticas, fiscais e estruturais do município para captar novos empreendedores

está interligada com os principais centros logísticos (ERS-118, ERS-030, ERS-020, BR-116, BR-448, BR-386). O município, com 265 mil habitantes, investiu, ainda, R\$ 14 milhões em obras de drenagem e desassoreamento de arroios, o que fez com que fosse o menos impactado pela enchente de 2024 na Região Metropolitana.

Esses atributos dão segurança aos centros de distribuição que atuam no local, como o da Magazine Luiza, Log Logística, Americanas, Farmácia São João e Droga Raia. O mesmo vale para a indústria metalmeccânica e automotiva, composta pelo complexo GM, Panatlântica S.A, Prometeon Tyre Group (ex-Pirelli Industrial), MDH Soluções, Jackwal Metalúrgica, SounDigital, Becker Metalúrgica Industrial e Dana (sistemas de transmissão e propulsão eletrificada). Na área de tecnologia, há o Instituto Prado de Ciência, Tecnologia e Inovação; a Associação Gaúcha de Tecnologia e Inovação do Vale do Gravataí (AGTI); a Lyte Automation Technology (indústria 4.0); e a Digicon/Perto Informática e Automação.

Zaffalon ressalta que a cidade soma 500 km², sendo que ocupa 150 km² de área urbana. “O resto está pronto para crescer”, salienta, citando a formação de Distritos Industriais e as conquistas recentes, como a alteração de endereço do pedágio e a duplicação da ERS-118.



EVANDRO OLIVEIRA/IC

Localização privilegiada atrai centros de distribuição e indústrias, avalia prefeito Zaffalon

Vocação industrial e polo logístico

Gravataí lidera entre os municípios gaúchos com mais de 100 mil habitantes no eixo industrial do Ranking das Melhores Cidades para Fazer Negócios, elaborado pela Urban Systems em par-

ceria com a revista Exame. No cenário nacional, figura entre as 15 principais cidades para investimentos no setor industrial. Sedia importantes marcas da indústria metalmeccânica, pneumática e

eletrônica. Além disso, o município tem se consolidado como um importante polo logístico, atraindo grandes empresas com tecnologia de ponta, reforçando sua posição estratégica no setor.

**INVEST**
GRAVATAÍ

O futuro do seu negócio está aqui



Você sabe por quê?



Polo de oportunidades

4ª economia do RS. R\$ 1 bilhão no setor imobiliário em 2024. PIB de R\$ 12,4 bilhões. 8,4 mil novas empresas. Entre as 100 melhores cidades para fazer negócios no Brasil. 15ª melhor para investir na indústria.



Segurança pública e ambiental

Uma das cidades mais seguras da Região Metropolitana. Foi a menos impactada pelas enchentes, com R\$ 14 milhões investidos em resiliência.



Localização privilegiada

Ligada às principais rodovias e a apenas 15 minutos do Aeroporto. Conectada à Capital, Serra e Litoral.



Ambiente para empreender

Leis modernas, incentivos fiscais de até 10 anos, IPTU Verde e crédito para empreendedores. Plano Diretor voltado ao desenvolvimento.



Infraestrutura moderna

Obras como a duplicação da ERS-030, viaduto da ERS-118 e interseção da ERS-020 entregues. Programas PavimentAí e IluminAí ampliam a mobilidade e segurança.



Mão de obra qualificada

Centro SENAI e rede de ensino com foco em tecnologia e robótica. Conta com universidades e polos de inovação.

PREFEITURA DE
GRAVATAÍ
POR TI.
POR NÓS.
PELO FUTURO.

INDÚSTRIA PETROQUÍMICA

Retomada da ferrovia no RS é estratégica para Braskem

Estrutura férrea no Estado foi danificada por conta das enchentes do ano passado

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Interrompido desde as enchentes de 2024, a volta do transporte ferroviário de etanol para o Polo Petroquímico de Triunfo é considerada como essencial pela Braskem. A empresa utiliza o álcool para produzir o seu chamado plástico verde (feito de fonte renovável, no caso a cana-de-açúcar).

A malha férrea gaúcha foi duramente impactada no evento climático de 2024 e os estragos deixaram o Estado sem ligação por esse modal com Santa Catarina e as outras regiões do País. O diretor industrial da Braskem no Rio Grande do Sul, Nelzo Silva, reforça que a retomada da conexão ferroviária com o restante do Brasil é fundamental para a melhoria da competitividade da operação, visto que o planejamento da companhia sempre foi utilizar o etanol produzido em abundância no Sudeste.

Ele afirma que o negócio de eteno e polietileno verdes, produtos fabricados a partir do álcool, continua sendo estratégico para a Braskem. Por enquanto, a empresa está empregando outros modais temporariamente para trazer a matéria-prima, até a recuperação da conexão ferroviária. “A companhia passou a usar caminhões para garantir o abastecimento do etanol

e a continuidade da operação da planta, acarretando em mil viagens mensais”, comenta Silva.

Ele lembra que essa decisão logística ocorreu depois de a Braskem ter utilizado temporariamente a cabotagem para atender à demanda, modal que envolve valores mais expressivos e tempo muito maior para transporte da matéria-prima, o que, por consequência, gera perda de competitividade. O diretor industrial da empresa recorda que a planta de plástico verde foi inaugurada em agosto de 2010. Com capacidade de produção de 200 mil toneladas ao ano à época, a unidade foi resultado de um investimento de R\$ 500 milhões.

Em 2023, a planta recebeu um novo ciclo de investimentos da ordem de R\$ 430 milhões para a ampliação de 30% de sua capacidade produtiva para 260 mil toneladas ao ano e este ano ampliou para 275 mil toneladas a partir de melhorias operacionais. “Desse montante investido na expansão em 2023, R\$ 20 milhões foram aplicados na melhoria do terminal ferroviário localizado dentro da unidade Braskem no Polo gaúcho, que recebia o etanol até então”, afirma Silva. Ele destaca ainda que a Braskem é a única produtora do polietileno verde e exporta o produto gaúcho para todo o mundo.

Sobre futuras movimentações em Triunfo, Silva adianta que a Braskem vai investir pelo Regime Especial da Indústria Química (REIQ) Investimentos (programa do governo federal que prevê incentivos fiscais) mais de R\$ 306 milhões para aumentar em 50 mil toneladas a capacidade de produção de polietileno (nesse caso de origem fóssil)



Empresa aproveitava o modal para movimentar etanol usado na produção do plástico verde

na planta de Triunfo, que passará para 324 mil toneladas. Também está em andamento o planejamento para realização de paradas de manutenção em unidades da Braskem no complexo petroquímico de Triunfo em 2026. “Mas, ainda não temos como informar valores, pois estamos na etapa final de planejamento”, assinala o diretor industrial.

Ainda quanto ao tema competitividade, Silva ressalta que a Braskem tem urgência em adotar uma

alternativa à nafta como matéria-prima para otimizar o seu negócio. Há análises em andamento nesta direção, como utilizar etano líquido ou propano. Ambos os insumos podem vir de fornecedores nacionais ou do exterior e serem transportados pela Lagoa dos Patos.

O diretor comenta que o principal fator que indicará o caminho a ser seguido será a disponibilidade da molécula dessa matéria-prima a valores adequados e condições logísticas favoráveis em relação aos

custos. Ainda não há prazo definido para viabilizar a iniciativa.

No Rio Grande do Sul, a Braskem possui oito unidades industriais no Polo Petroquímico de Triunfo, que produzem aproximadamente 5 milhões de toneladas de químicos e de resinas termoplásticas polietileno e polipropileno, utilizadas para uma infinidade de aplicações, além do plástico verde. Os investimentos da companhia no Estado totalizaram cerca de R\$ 5,7 bilhões nos últimos 12 anos.

Zona Franca de Manaus continua representando impactos para a cadeia do plástico gaúcha

O setor de transformação de plástico no Rio Grande do Sul está enfrentando um enorme desafio nos últimos anos, admite o presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do Rio Grande do Sul (Sinplast-RS), Alfredo Schmitt. Segundo o dirigente, um dos principais motivos para esse cenário são os reflexos da operação da Zona Franca de Manaus.

Schmitt salienta que aquela região do Brasil possui benefícios tributários que foram recentemente prorrogados por 50 anos. O presidente do Sinplast-RS enfatiza que essa condição faz com que matérias-primas que entram por lá tenham um enorme diferencial de

competitividade. “E isso afeta diretamente as indústrias do Rio Grande do Sul”, alerta o dirigente.

Conforme Schmitt, uma das questões que mais impacta os transformadores que não contam com os benefícios da Zona Franca de Manaus é o crédito presumido de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de 15% sobre as embalagens flexíveis. Ele adianta que tanto as empresas do setor no Estado como o governo gaúcho estão estudando caminhos para atenuar esse panorama.

O representante do Sinplast-RS diz que o poder público local tem sido parceiro com programas de apoio para aumentar o consumo e transformação de plástico no

Rio Grande do Sul, mas “a gente precisa fazer mais”. Schmitt ressalta que é um problema que atinge também outros estados brasileiros. “Tem gente que não está mais produzindo nada e só está comprando embalagens flexíveis em Manaus”, adverte.

O diretor da MaxiQuim Assessoria de Mercado, João Luiz Zuñeda, concorda que a perda de competitividade de companhias do segmento gaúcho de plástico vem sendo agravada com os incentivos concedidos na Zona Franca de Manaus. Ele considera que esse é um dos fatores que fez com que o Polo Petroquímico de Triunfo não tivesse, nos últimos anos, uma expansão de maior porte.

“Mesmo que tenham pequenas ampliações, o eteno verde (feito do etanol) e a Braskem desgastando alguma coisa, um ou outro investimento, mas os grandes aportes não aconteceram no Sul”, aponta o especialista. O futuro do Polo de Triunfo, antecipa Zuñeda, dependerá muito das decisões que a Braskem, principal companhia do complexo, adotará.

“Só vai acabar tendo uma luz que sinaliza que esse túnel vai chegar a algum lugar a partir do momento que a gente ver claramente o que vai acontecer com a Braskem”, diz o consultor. A empresa há algum tempo está envolvida em tratativas de venda, porém ainda não se chegou a uma definição sobre essa

movimentação. Quando essa questão for resolvida, o diretor da MaxiQuim prevê que pode ser destravado um novo ciclo de investimento.

O diretor industrial da Braskem no Rio Grande do Sul, Nelzo Silva, salienta que, atualmente, assim como em todo o mundo, o panorama é de desafios, reflexo de um movimento global de ciclo de baixa da petroquímica, que ampliou a capacidade de produção mundial sem que a demanda acompanhasse essa evolução. “Esse cenário é agravado aqui por conta do aumento das importações de resinas termoplásticas, em especial pela Zona Franca de Manaus, prejudicando a competitividade da indústria nacional”, conclui Silva.

ENERGIA

Sulgás quer ampliar fornecimento para pequenas e médias indústrias no RS

Polo industrial gaúcho representa 83% do volume de gás distribuído pela empresa

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Comprada pela Compass Gás & Energia, do grupo Cosan, em 2022, a Sulgás tem expandido o fornecimento de gás natural principalmente para municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra Gaúcha. O setor industrial é o principal cliente,

correspondendo a 83% do volume distribuído.

Esse percentual pode crescer ainda mais caso uma oportunidade de desenvolvimento mapeada pela Sulgás saia do papel: o abastecimento de gás para pequenas e médias indústrias gaúchas instaladas a até 500 metros da rede.

A empresa atende 37 municípios do Rio Grande do Sul. Nas suas proximidades, poderão ser beneficiadas entre 360 e 400 indústrias de pequeno e médio portes, concentradas principalmente nas duas grandes regiões já atendidas pela rede de gás natural.

“A companhia acredita no



Rede atual da empresa concessionária de gás natural atende 37 municípios no Rio Grande do Sul

desenvolvimento da economia gaúcha e aposta neste crescimento para expandir sua operação. São potenciais clientes com os quais podemos contribuir com a disponibilização de um combustível seguro e eficiente que é o gás natural. A Sulgás reafirma seu compromisso com a sustentabilidade e crescimento do mercado industrial do Rio Grande do Sul”, afirma o diretor comercial da empresa, Charles Netto.

O fornecimento de gás natural poderá ser expandido também para novas cidades. É o caso de Lajeado,

A rede da Sulgás no RS e a indústria

Indústrias atendidas no RS: 197

Indústrias que podem ser atendidas pela expansão no RS: entre 360 a 400

Municípios gaúchos com rede de gás natural: 37

Volume de gás distribuído: 2 milhões de metros cúbicos por dia

Origem do gás natural: Pré-Sal e Bolívia

que está em processo de licenciamento para iniciar um projeto de distribuição de energia a partir da instalação de uma rede local.

Caso a licença seja aprovada, enquanto a tubulação necessária para o transporte de gás não for

inaugurada, a empresa deverá levar o gás até um posto de decompressão por meio de caminhões e, a partir dali, abastecer a cidade. Caso tenha resultados positivos, o processo poderá ser replicado em Santa Cruz do Sul entre 2026 e 2027.

www.gboex.com.br

NOSSA HISTÓRIA NOS
TROUXE ATÉ AQUI, O

COMPROMISSO

NOS LEVA ADIANTE.

Há 112 anos, o GBOEX protege famílias, garante tranquilidade e fortalece o relacionamento com clientes e parceiros. Nossa trajetória é construída com tradição, solidez e segurança, sempre priorizando o mais importante: o seu futuro.
GBOEX – 112 anos de compromisso com o seu futuro. 24 de maio – Aniversário do GBOEX.

112

GBOEX

Previdência e Seguro de Pessoas
A proteção certa para a sua família.

CELULOSE E PAPEL

Investimentos injetam otimismo para o futuro da celulose

Rio Grande do Sul despertou para uma vocação, deixando definitivamente para trás um passado no qual o segmento foi ignorado

Loraine Luz, especial para o JC

A indústria gaúcha de celulose está impregnada de positividade desde o anúncio do aporte de R\$ 24 bilhões pela CMPC em uma nova unidade em Barra do Ribeiro, no ano passado — decisão mantida pela multinacional chilena mesmo depois da catástrofe climática da enchente de maio. Presidente do Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel, Papelão, Embalagens e Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça do RS (Sinpasul), Celso Basso destaca que a nova unidade somada à já existente, em Guaíba, tornará a região o maior polo de celulose do mundo. “Em nenhum lugar no mundo existem duas fábricas tão perto produzindo quantidades tão relevantes”, garante.

Para o dirigente, o Rio Grande do Sul despertou para uma vocação, deixando definitivamente para trás um passado no qual o segmento foi ignorado, quando floresta plantada, segundo ele, era “demonizada”, o que fez a economia



MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC

Estado é o quinto do País em número de unidades produtivas de celulose e papel, com 8% do total nacional

gaúcha perder oportunidades envolvendo instalação de empresas. Atualmente, as perspectivas são completamente diferentes.

“O Estado despertou para esta vocação, pois possui solo, clima, topografia, cultura e tradição local para o cultivo das florestas plantadas. Os investimentos previstos posicionam o Rio Grande do Sul como um novo polo estratégico da indústria global de base florestal”, avalia Basso, otimista.

Segundo Sinpasul, o Estado

é o quinto do País em número de unidades produtivas de celulose e papel, com 8% do total nacional. Estaria próximo a 1 milhão de hectares de área de florestas plantadas, apenas 4,5% de área dedicada ao agronegócio, comparativamente, o que indica que há espaço para progredir.

Logística, infraestrutura e mão de obra especializada são os obstáculos à vista neste horizonte tão promissor. Basso destaca a dependência do modal rodoviário, a falta

de investimento em ferrovias e hidrovias, além dos danos às estradas causados pela enchente do ano passado. E lamenta o Estado ter apenas um porto marítimo, em Rio Grande, enquanto Santa Catarina tem vários portos, além de diversos terminais de uso privado.

Para combater a falta de mão de obra, o dirigente afirma que o Sinpasul, como filiado à Fiergs, vem apoiando a iniciativa de criação de escolas pela federação, do fundamental ao profissionalizante.

Efeito da CMPC

No ano passado, a CMPC anunciou o Projeto Natureza, um aporte de R\$ 24 bilhões que será implementado no município de Barra do Ribeiro. A nova unidade industrial terá capacidade para produzir 2,5 milhões de toneladas de celulose por ano. O cronograma não foi afetado pelo evento climático. Com início em 2026, as obras devem gerar 12 mil empregos (e, depois, cerca de 1,5 mil nas operações). A entrada em operação está prevista para 2029.

O empreendimento prevê investimentos em quatro áreas fundamentais da economia gaúcha: silvicultura sustentável; infraestrutura logística; produção industrial avançada; e conservação cultural e ambiental.

Em sua planta de Guaíba, a companhia concluiu o Projeto BioCMPC, com investimento de R\$ 2,75 bilhões, que resultou na atualização de equipamentos e em um aumento de 18% na capacidade de produção, reforçando o compromisso da empresa com a sustentabilidade e inovação tecnológica. Em 2024, pelo segundo ano consecutivo, foi reconhecida como a empresa florestal mais sustentável do mundo, de acordo com o Índice Dow Jones de Sustentabilidade.

Cenário nacional

► A celulose fechou 2024 com alta de 33,2% nas exportações, na comparação com o ano anterior, chegando ao recorde de US\$ 10,6 bilhões.

► O Brasil registrou recorde de 25,5 milhões de toneladas de celulose em 2024, alta de 5,2% na comparação com 2023. A produção de papel também foi recorde no ano passado, atingindo 11,3 milhões de toneladas, alta de 4,6%.

► O setor de árvores cultivadas é um dos motores da economia brasileira, com 4,7% de participação no total de exportações do país em 2024 (1% acima do resultado de 2023), além de ser o quarto item da pauta de exportações do agro brasileiro. Em 2024, o setor aumentou sua participação no total vendido ao exterior pelo agronegócio, chegando em 9,5% (em 2023 era de 7,6%).

FONTE: MOSAICO IBÁ, BOLETIM PRODUZIDO PELA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES

'Setor é referência em sistema alinhado a ESG', diz Antonio Lacerda, diretor da CMPC no Brasil

Jornal do Comércio - Como a empresa avalia a situação da indústria de celulose e papel no RS?

Antonio Lacerda - O setor vem se tornando cada vez mais protagonista no Estado. São gerados milhares de empregos e é promovido um incremento ao PIB. Também há uma contribuição em temas de sustentabilidade, já que o setor é referência em sistema produtivo alinhado às práticas de ESG.

JC - Quais são os principais desafios enfrentados hoje pelo setor?

Lacerda - Entre os desafios a serem superados, destaco a necessidade de ampliação da nossa base florestal. Temos trabalhado fortemente neste sentido, visando atender a produção atual e, em especial, sustentar a demanda que virá após a execução a pleno do Projeto Natureza CMPC. Em 2022 lançamos o RS+Renda, um programa de fomento florestal que oportuniza que produtores rurais passem a integrar a cadeia de negócios da CMPC. Para



TÂNIA MEINERZ/JC

'Acrescentamos mais de 12 mil hectares de áreas produtivas no Estado'

isso, estabelecemos parcerias com o intuito de aumentar o volume de agricultores plantando eucalipto. Em 2024, acrescentamos mais de 12 mil hectares em áreas produtivas no Estado. Esse indicador demonstra que a comunidade rural gaúcha percebe valor em nossa proposta.

JC - A logística e a infraestrutura do RS têm atendido às

necessidades da cadeia produtiva?

Lacerda - Do ponto de vista hidroviário, a nossa unidade industrial de Guaíba já conta com um porto próprio, que recebe madeira da região Sul e carrega celulose para o Porto de Rio Grande. Essa logística por hidrovias evita que ocorram 100 mil viagens de caminhão por ano, diminuindo a emissão de carbono

e minimizando o risco de acidentes rodoviários. No caso das rodovias, existem estradas que já se encontram em estágio de duplicação, como as BRs 290 e 116, que são vias por onde passa grande parte do volume transportado pela nossa operação florestal. Essas obras são de extrema importância para viabilizar o Projeto Natureza CMPC, além de contribuir na infraestrutura logística e competitividade.

JC - Como a empresa tem contribuído para melhorar a qualificação da mão de obra do setor?

Lacerda - Buscamos capacitar a mão de obra local. Um exemplo é o Curso Técnico em Celulose e Papel, que desenvolvemos há mais de 45 anos para a população vizinha às nossas operações, sempre de forma gratuita. Através de uma formação de 18 meses, o objetivo é habilitar profissionais para que possam disputar futuras oportunidades no mercado de trabalho, na companhia ou outras empresas.

INSUMOS

Crise climática pressiona por inovações na área de fertilizantes

Cenário nacional é de dependência externa, pois mais de 80% dos fertilizantes são importados

Loraine Luz, especial para o JC

Com um papel central no agro-negócio, a produção de fertilizantes é uma das áreas mais demandadas pelos desafios envolvendo as mudanças climáticas e o desenvolvimento sustentável de toda a cadeia.

Dona de um dos maiores e mais modernos parques de produção, mistura e expedição de fertilizantes da América Latina, localizado em Rio Grande, no Sul do Estado, a Yara Fertilizantes tem papel importante nos rumos dessa indústria para os próximos anos. O cenário nacional é de dependência externa, pois mais de 80% dos fertilizantes são importados, tendo a ampliação da produção como meta, a fim de reduzir vulnerabilidades e garantir a segurança agrícola.

“A mudança climática é o principal desafio global que enfrentamos e uma séria ameaça à produtividade

Wally, da Yara, conta que companhia é a 1ª a produzir amônia renovável

agrícola”, reconhece Marcio Wally, diretor comercial da Yara para a Região Sul. “Em 2024, a Yara deu passos importantes para ampliar sua atuação na descarbonização de sua produção e também do ecossistema em que está inserido”, ressalta ele.

No ano passado, a empresa se tornou a primeira do País a produzir amônia renovável, em sua unidade industrial localizada em Cubatão (SP). A iniciativa usa biometano – biogás purificado gerado a partir de resíduos de cana-de-açúcar – como alternativa ao gás natural. O processo viabiliza a produção de

fertilizantes nitrogenados e soluções industriais mais sustentáveis. Segundo a companhia, o avanço representa um marco para a indústria nacional. A inovação também reforça o papel estratégico da Yara na liderança da transição energética no Brasil. Outro destaque recente dos esforços da empresa no cenário de crise climática foi a criação do Yara Climate Choice, voltado à oferta de fertilizantes com menor pegada de carbono, como resultado de investimentos em tecnologias que buscam reduzir as emissões de gases de efeito estufa. “São fertilizantes

Força em solo gaúcho

■ A Yara emprega 2 mil pessoas em três unidades produtivas (Porto Alegre, Rio Grande e Cruz Alta), além do efetivo no escritório da capital gaúcha.

■ O Complexo de Rio Grande é, segundo a companhia, o maior e mais moderno parque de produção, mistura e expedição de fertilizantes da América Latina. É responsável por 5% da produção nacional de fertilizantes.

■ Em 2016, a companhia destinou R\$ 2,1 bilhões em investimentos no local. E, há dois anos, mais R\$ 150 milhões, para modernização e ampliação da unidade. Os investimentos habilitaram a companhia a uma produção de 2,5 milhões de toneladas de fertilizantes por ano.

produzidos a partir de fontes renováveis, como eletrólise da água com uso de energia limpa ou gás natural renovável. Essa abordagem pode resultar em até 90% de redução na pegada de carbono em comparação à produção convencional baseada em gás natural fóssil”, aponta o executivo.



TÂNIA MEINERZ / JC

QUEM TEM INDÚSTRIA, TEM FUTURO.

A Vipal, com sete unidades industriais, tem muito orgulho em fazer parte da engrenagem que move o país. Agradecemos a todos os colaboradores, parceiros e clientes que nos ajudam na transformação do futuro.

25/5 | Dia da Indústria



COH

BEBIDAS

Entraves se sobrepõem e testam resistência das microcervejarias

Principal demanda do setor atualmente está relacionada à simplificação da carga tributária, juntamente com as mudanças propostas na nova reforma

Lorraine Luz, especial para o JC

As consequências da pandemia e da enchente do ano passado — que resultaram no fechamento temporário ou definitivo de negócios e empreendimentos —, a escassez de matéria-prima e a alta do dólar que impacta nos insumos (cevada, lúpulo e embalagens) compõem um panorama adverso para o setor gaúcho de cervejas especiais e microcervejarias independentes.

“A dificuldade de repassar esses custos ao consumidor final é um dos grandes entraves para as microcervejarias, que competem com grandes cervejarias capazes de negociar melhores preços com fornecedores”, destaca o presidente da Associação Gaúcha de Microcervejarias (AGM) do Estado, Matheus Andrade. Executivo na entidade, Gustavo Cunha complementa: “Outro desafio é a complexidade tributária e a falta de isonomia fiscal entre os estados,

que dificultam a expansão das microcervejarias para outros mercados”.

A principal demanda do setor atualmente está relacionada à simplificação da carga tributária, juntamente com as mudanças propostas na nova reforma. A AGM afirma integrar ativamente as discussões, em parceria com outras entidades relevantes, com o objetivo de buscar e lutar por melhores condições para o setor, envolvendo incentivos fiscais, linhas de crédito emergenciais e políticas públicas que promovam a recuperação e o fortalecimento do empreendedorismo. O combate à concorrência desleal, reforçando o esclarecimento do consumidor sobre as cervejas independentes, a prática de dumpings e compra de pontos de venda são outras bandeiras do segmento. Fora isso e como de resto em toda a indústria, a mão de obra qualificada é insuficiente.

“É unânime entre as cervejarias associadas à AGM a dificuldade em encontrar profissionais tecnicamente habilitados para atuar nos processos de produção. A fabricação de cervejas artesanais exige conhecimentos específicos em brassagem, fermentação, controle de qualidade e envase, habilidades que nem sempre são contempladas em cursos tradicionais de formação”, observa o presidente da AGM.

Além disso, a alta rotatividade



FOOD HALL DADO BIER/DIVULGAÇÃO/JC

É unânime entre as cervejarias a dificuldade em encontrar profissionais habilitados para atuar na produção

no mercado e a falta de programas de capacitação específicos para o setor agravam ainda mais esse cenário. De acordo com os dirigentes, a AGM tem incentivado parcerias com instituições de ensino e promovido capacitações técnicas para elevar o nível de qualificação dos profissionais, visando fortalecer a competitividade e a qualidade das cervejarias gaúchas.

A favor do segmento, está a coragem em inovar. O uso de energia solar e práticas de economia circular, como o reaproveitamento

de subprodutos, o uso de embalagens eco friendly e a implementação de sistemas automatizados para brassagem e envase, aumentando a eficiência e a consistência da produção, são exemplos de iniciativas dessa ordem. Do ponto de vista do consumidor, os dirigentes citam a criação de experiências imersivas e a aposta na produção de cervejas zero álcool e low carb (com baixas calorias e baixo teor alcoólico). “Para 2026, as projeções indicam um volume de comercialização de cerveja zero

álcool superior a 1 bilhão de litros. Para se ter uma ideia, em 2020 o volume foi de 197 milhões”, ilustra Cunha.

Entre as oportunidades dessa indústria, os dirigentes apostam no turismo, por meio do fortalecimento de rotas temáticas e festivais regionais. “O turismo é essencial para o fortalecimento da cultura cervejeira no Estado. Ele não apenas movimenta o mercado local, mas também ajuda a contar a história e a diversidade do nosso setor”, conclui Cunha.

ALIMENTOS

Indústria de Laticínios no Rio Grande do Sul tem momento de estabilidade e boa renda

Depois de atravessar algumas dificuldades no início de ano, ocasionadas pelo clima não ideal em algumas regiões, e mesmo lidando perdas acumuladas nos últimos anos nas lavouras, o atual momento da indústria de laticínios do Estado é de estabilidade e boa rentabilidade.

“O valor pago pelo leite vem remunerando muito bem a atividade. Há muitos anos, o produtor não tinha uma renda tão boa com o leite como se viu em 2024/2025. Foi possível organizar o caixa para manter investimentos mesmo com todas as dificuldades pontuais decorrentes das enchentes e das sucessivas estiagens”, avalia Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat).

Conforme o dirigente, no

entanto, há muito a ser feito, no curto e médio prazos, além da demandas desafiantes, como negociações de ajustes tributários para o segmento — uma batalha

que exigiu articulação para manter a competitividade do setor e os investimentos sustentados no Rio Grande do Sul.

“Temos que ganhar

TÂNIA MEINERZ/JC



Darlan Palharini ressalta que produtor recebeu bem em 2024/2025

competitividade, e essa é a principal missão que temos pela frente para a próxima década. Temos que conseguir atingir a escala de produção e custo operacional dos nossos vizinhos do Prata (Uruguai e Argentina). Só assim nos tornaremos competitivos para fazer frente aos lácteos de outros países na disputa pelo mercado internacional”, afirma Palharini.

Investimentos em nutrição adequada, que permita produzir leite com qualidade e na quantidade que as indústrias precisam, assim como aplicar genética de ponta nos rebanhos e melhorar a capacidade técnica da produção, estão no topo dos objetivos. Também se nota uma mudança no perfil produtor: estão em menor número mas entregando mais leite. Ainda assim, os parques

industriais operam com capacidade operacional ociosa, ou seja, tem espaço para processar mais leite e os produtores podem produzir mais. Essa expansão precisa levar em conta a redução nos custos e a manutenção de margens de rentabilidade estáveis e positivas.

“Quando há desejo de evoluir, a migração para um modelo de negócio mais empresarial é possível”, atesta o dirigente, defendendo que o setor assuma uma postura mais assertiva e profissional. “Precisamos fazer o dever de casa. Olhar para nossos custos, assumir uma postura mais empresarial. Por sua origem com mão de obra familiar, o leite geralmente é gerenciado da mesma forma. Precisamos entender o negócio como uma empresa, trabalhando com dados, estatísticas e metas.”

INDÚSTRIA VITIVINÍCOLA

Vinícolas do RS buscam avanços em tecnologia industrial

Foco na melhoria agrícola auxilia na produtividade do setor industrialmente

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

O Rio Grande do Sul é o principal produtor de vinhos do Brasil, sendo responsável por cerca de 85% da produção nacional, conforme a União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra). Ao todo, 15 mil famílias atuam no cultivo de uvas em cerca de 48 mil hectares no Estado, segundo os dados da Secretaria Estadual de Agricultura. Dentro desse cenário de competitividade, as principais indústrias voltadas à produção de vinhos e espumantes têm buscado novidades agrícolas e tecnológicas para se destacarem no mercado a partir do aprimoramento de sua matéria-prima.

Reunindo 1.100 famílias cooperativadas, a Vinícola Aurora é uma das maiores empresas do setor

vitivinícola no Brasil. Reunidos em 11 cidades da Serra Gaúcha, os agricultores produzem 56 variedades de uva em cerca de 3 mil hectares. Assim, a produção e a venda de produtos também são elevadas: a Aurora processa de 10% a 15% da safra de uvas do Rio Grande do Sul e, em 2024, comercializou 66,7 milhões de litros entre bebidas alcoólicas e não alcoólicas.

Em 2025, a empresa deverá investir R\$ 25 milhões na melhoria dos processos. Entre os avanços, destacam-se a aquisição de 47 tanques de aço inox de 500 mil litros para vinhos e sucos de uva, quatro ovos de concreto para vinificação, 10 autoclaves para espumantes, além da modernização da linha de sucos e a instalação de uma linha de Tetra Pak de 1,5 litro com capacidade para 7 mil unidades por hora. Além disso, foi adquirida nova envasadora de Keep Cooler, que ampliou de 12 mil garrafas por hora para 18 mil por hora.

Mais distantes da indústria, estão outros investimentos: aqueles

focados no campo e na otimização da produção de uvas. Para isso, focam em pesquisas inovadoras e tecnológicas. Também utilizam ferramentas de monitoramento climático. Assim, buscam antecipar as possibilidades de doenças relacionadas ao clima, como o míldio, que é o principal problema das uvas da região, explica o gerente agrícola da Aurora, Maurício Bonafé.

Também na Serra Gaúcha, a cooperativa Garibaldi possui 470 cooperados que produzem uvas em 1,2 mil hectares divididos em cerca de 20 cidades da região. Em 2024, o faturamento líquido da empresa foi de R\$ 307,8 milhões. Sua aposta para manter os números tem sido na diversificação agrícola, importando cerca de 50 novas variedades de sementes e cultivares de pelo menos sete países europeus.

A expectativa é de que essas espécies sejam testadas em vinhedos experimentais buscando verificar a adaptação ao terroir local e às mudanças climáticas. Posteriormente,



DANDY MARCHETTI / COOPERATIVA VINÍCOLA AURORA/DIVULGAÇÃO/JC

Aprimoramento da matéria-prima também faz parte das estratégias

elas são estudadas para a fabricação de vinho em um processo chamado microvinificação. "O processo determina se essas variedades vão ao encontro das demandas de mercado e proporciona um comparativo com variedades mais consolidadas", diz o gerente de assistência técnica da Garibaldi, Evandro Bosa.

O processo já garantiu o

ingresso de duas novas variedades na produção de bebidas que já estão sendo comercializadas. Uma delas, é o vinho Garibaldi VG Pálava, com uma varietal originária da República Tcheca. Outra, é o espumante Viognier. Ambos já receberam prêmios internacionais, incluindo o argentino La Mujer Elige, realizado em Mendoza em 2024.

Uma indústria em transformação

A cada produto criado, uma nova oportunidade. A cada desafio superado, mais desenvolvimento. Parabéns a todos que fazem da indústria de transformação do plástico um setor essencial para o progresso do nosso país.

SinplastRS

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sinduscon-RS projeta crescimento tímido para 2025

Esperança do setor está na introdução da faixa 4 do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV)

Lorraine Luz, especial para o JC

A restrição de funding, no âmbito do mercado imobiliário, e a dificuldade de repasse do aumento dos custos da produção do imóvel ao consumidor estão entre as principais preocupações do Sinduscon-RS (Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado), de acordo com o seu presidente, Claudio Teitelbaum. Apesar destes e de outros desafios, o dirigente aposta em crescimento na atividade para 2025, acompanhando prognósticos da Câmara Brasileira da Indústria (CBIC).

“Nacionalmente, a projeção da CBIC é de crescimento de 2,3% para o Produto Interno Bruto (PIB) da construção em 2025. O Sinduscon-RS estima um mesmo cenário para o Estado, de um crescimento, mesmo que mais reduzido quando comparado com 2024”, explica Teitelbaum.

A dificuldade em obter recursos financeiros para financiar novos projetos e empreendimentos — restrição de funding — está ligada à alta da taxa da Selic, que reduz os depósitos da caderneta de poupança e, segundo o representante do sindicato, gera dúvida sobre o atual modelo de crédito imobiliário. “Faz-se necessário discutirmos novas fontes

de recursos, priorizando o mercado de capitais. Os juros altos e a desaceleração econômica estão freando os lançamentos”, afirma.

Na introdução da faixa 4 do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) mora a esperança do setor. A faixa 4 oferece financiamento com juros subsidiados para famílias com renda mensal de R\$ 8 mil até R\$ 12 mil, em imóveis até R\$ 500 mil

A reação, no entanto, pode ser relativa. “Boa parte da classe média não consegue adquirir ou melhorar sua moradia, pois ainda não tem condições de acesso ao financiamento”, anota. Em compensação, a alta renda ainda performa um relevante volume de vendas, direcionado ao alto padrão (imóveis grandes) e studios com foco em locação. Empreendimentos recentemente lançados, com lajes corporativas, também obtiveram bons índices de vendas.

Com relação ao repasse ao consumidor do aumento nos custos da produção do imóvel, o dirigente afirma que é ponto de preocupação porque a conta não fecha. Segundo o Índice Geral do Mercado Imobiliário Residencial (IGMI-R), calculado pela Abecip, a média dos preços dos imóveis no Brasil cresceu 11,2% nos 12 meses encerrados em fevereiro de 2025, ficando acima da inflação na mesma base de comparação (4,4%). O dirigente pontua que Porto Alegre (5,1%) e Brasília (5,0%) foram as únicas capitais que não conseguiram repassar ao mercado estes custos.

Também no radar da entidade está a reforma tributária. “A



Teitelbaum, presidente do Sinduscon-RS, acredita ser necessário discutir novas fontes de recursos para imóveis

simplificação tributária e incentivos para produtos industrializados são pontos positivos. Mas, ao mesmo tempo que a redução de burocracia com a uniformização de tributos pode ser benéfica, traz dúvidas ao mercado, que tem acompanhado o processo atento a possíveis aumentos de impostos ao longo da extensa cadeia produtiva, principalmente no período de transição”, analisa ele.

Para a sobrevivência e longa vida do setor, dois temas despontam: sustentabilidade, cujas demandas se agravaram desde a ocorrência das enchentes de 2024, e a inovação — áreas que de algum modo se entrelaçam. Segundo o dirigente, ambos os temas são foco constante de eventos promovidos

pelo Sinduscon-RS. Inovação, eficiência energética e uso de materiais recicláveis têm dominado as discussões do setor sob a liderança da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). “Pode-se afirmar que os pontos mais importantes em questão de sustentabilidade já estão sendo considerados em todas as etapas da indústria da construção”, observa.

No ano passado, em parceria com a GBC Brasil, o Sinduscon-RS realizou a conferência internacional Greenbuilding Council Brasil 2024, ocasião em que o presidente do Conselho de Administração do GBC Brasil, Raul Penteado, apontou o Brasil entre os países que mais tinham construções sustentáveis.

Ainda para este ano, está prevista a 3ª edição do seminário Industrialização na Construção, uma realização do Sinduscon-RS com a Asbea (Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura). Anualmente, o sindicato promove o VIGA Conexão Sinduscon-RS, com o Instituto Caldeira, para estimular a relação do setor com startups. Por fim, uma frente não menos importante é a tecnologia, com o avanço do uso de IA.

“O surgimento dos canteiros digitais pode tornar nossa atividade mais interessante na atração e fidelização de trabalhadores. Estamos discutindo essas questões e tentando fazer uma integração de toda a cadeia produtiva, que envolve cerca de 97 outros segmentos”, conclui.

O mercado imobiliário da Capital

Em 2024, Porto Alegre registrou o menor volume de imóveis em estoque (4.802 unidades) da série histórica do Panorama do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, pesquisa elaborada pelo

Sinduscon-RS em parceria com a Alaphplan Inteligência em Pesquisa e Órulo, criada em 2020.

Vendas de imóveis novos: 4.490 unidades

Lançamentos: 2.848 unidades

Escassez de mão de obra qualificada

Conforme o Sinduscon-RS, o setor vem enfrentado o problema com uma combinação de estratégias voltadas para atração, retenção e capacitação de profissionais. Na prática, se engaja aos movimentos liderados pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção e pela Fiergs. Exemplos:

■ Plano Nacional de Capacitação da Construção

É uma parceria com o Senai que oferece formação gratuita para trabalhadores do próprio setor com treinamento em outras atividades, com aulas ministradas no próprio canteiro de obras.

■ Mapeamento da necessidade de mão de obra na construção

Conecta trabalhadores de

baixa renda, inscritos no Cadastro Único do governo federal, às oportunidades de emprego oferecidas pelas empresas do setor. É uma ação conjunta entre a CBIC e

o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), a fim de reduzir o número de postos de trabalho vagos.

Desempenho positivo ano passado

A construção civil gaúcha teve um crescimento de 3,5% em 2024, um pouco abaixo da performance nacional, que ficou em +4,3%, conforme dados do Departamento de Economia e Estatística (DEE), vinculado à Secretaria Estadual de Planejamento, Governança e Gestão.

Na comparação entre o 4º

trimestre de 2024 sobre o trimestre anterior, o desempenho da construção gaúcha acompanhou o desempenho da construção nacional (2,5%). Já quando a comparação é entre o 4º trimestre de 2024 sobre o mesmo trimestre do ano anterior, o setor no RS foi superior (5,7% contra 5,1%).



TÂNIA MEINERZ/JC

Programas ajudam a atrair, reter e capacitar os trabalhadores do setor

Jornal do Comércio 92 ANOS

O jornal de economia e negócios do RS

Acompanhe o Mapa Econômico do RS

O Jornal do Comércio realizou ao longo de 2023 e 2024 um raio-x da economia do Rio Grande do Sul. O Mapa Econômico do RS mostrou oportunidades e desafios ao desenvolvimento econômico do Estado, com um panorama das principais cadeias produtivas gaúchas, tendências e dados sobre os 497 municípios gaúchos.

Em 2025, o projeto será realizado nas cidades de Bagé (junho), Lajeado (julho) Garibaldi (agosto), Cruz Alta (outubro) e Porto Alegre (novembro), trazendo indicadores sobre a economia das regiões.

MAPA ECONÔMICO DO RS

2025

Indicadores do presente, tendências para o futuro.

Conexões que fortalecem
o desenvolvimento das regiões Sul,
Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste.



Escaneie o QR
Code e veja como
foram as edições
de 2024.



Entre em contato
e saiba como participar
do projeto

(51) 3213.1338
comercial@jornaldocomercio.com.br



05 de junho | 17h
Palacete Pedro Osório - Bagé

Apoio:



Patrocínio



INDÚSTRIA CALÇADISTA

Protagonismo gaúcho na indústria de calçados persegue maior competitividade

Segundo a Abicalçados, 60% dos seus associados precisaram paralisar atividades em maio passado

Loraine Luz, especial para o JC

Resultados dos primeiros meses de 2025 demonstram que o setor calçadista gaúcho vem pegando fôlego, apesar do cenário externo instável pelo estresse entre Estados Unidos e China e mesmo tendo sido um dos segmentos mais impactados pela maior catástrofe climática vivida pelo Estado, há um ano.

Os postos de maior empregador do ramo calçadista do País e líder nas exportações nacionais estão mantidos pelo Estado, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados). Os 1,7 mil novos postos gerados no primeiro trimestre e os US\$ 165,5 milhões frutos da venda ao exterior de 11,48 milhões de pares nos quatro meses iniciais do ano imprimem um viés positivo ao setor.

“Apesar do cenário nebuloso no mercado, especialmente diante das instabilidades internacionais provocadas pela guerra tarifária entre Estados Unidos e China, o setor calçadista brasileiro registrou incremento de 0,8% na sua produção ao longo do primeiro trimestre. O Rio Grande do Sul, como segundo

principal produtor, em pares, do Brasil, reflete esse momento positivo”, resume o presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira.

Entretanto, o clima interno ainda é de recuperação. Afinal, segundo a Abicalçados, 60% dos seus associados precisaram paralisar atividades em maio passado. No Vale do Taquari, região duramente castigada pela histórica enchente, houve estruturas fabris completamente destruídas, com queda de 35% na produção naquele dramático mês em algumas unidades, além de perdas de matérias-primas na ordem de R\$ 60 milhões. À época, as 1,8 mil empresas empregavam diretamente mais de 85 mil pessoas.

Atualmente, o estoque total de emprego (primeiro trimestre) ficou em 82,6 mil empregos diretos, 3,8% menos do que no mesmo período de 2024. No quadrimestre, as fábricas gaúchas conquistaram incremento de 3,3% em volume de vendas ao exterior, mas queda de 1,8% em receita ante o mesmo período de 2024. Com alta tanto em volume (+54,1%) quanto em receita (+25,6%) em relação ao mesmo intervalo do ano passado, a Argentina ultrapassou os Estados Unidos como principal importador do calçado brasileiro no primeiros quatro meses de 2025.

“O Estado tem, hoje, todas as ferramentas para continuar sendo o principal produtor de calçados de valor agregado do País, bem como o maior exportador brasileiro em divisas geradas”, garante Ferreira.

A força do polo calçadista do Rio Grande do Sul

A indústria gaúcha de calçados — composta por mais de 1,8 mil empresas, a maior parte de micro e pequeno portes — teve uma produção de 203 milhões de pares em 2024, alta de 3,3% ante 2023.

Cerca de 82,6 mil pessoas estão empregadas no setor, de forma direta. Isso representa em torno de 12% de todo o emprego gerado pela Indústria de Transformação gaúcha.

Em 2024, o setor gaúcho exportou mais de 32 milhões de pares, principalmente para Estados Unidos

e Argentina.

No País, com base em números da Secex, as exportações somaram 39 milhões de pares e US\$ 349 milhões no primeiro quadrimestre do ano, resultados superiores tanto em volume (+9,7%) quando em receita (+1,5%) em relação ao mesmo período do ano passado.

A Argentina lidera compra do calçado brasileiro. No quadrimestre, o país vizinho importou 4,65 milhões de pares, que geraram US\$ 77,82 milhões (+54,1% em volume



Ferreira estima investimento de mais de R\$ 1,7 bilhão neste ano, 7% mais do que o registrado em 2024

Com relação à expansão dos investimentos do setor, o dirigente projeta uma perspectiva positiva, mesmo que a utilização da capacidade instalada esteja na ordem de 70%, o que inibe novas investidas. “Mesmo assim, a indústria calçadista é uma das que mais investe quando falamos de Indústria da Transformação. Para 2025, estimamos um investimento de mais de R\$ 1,7 bilhão, 7% mais do que o registrado em 2024”, afirma.

O crescimento das importações de calçados, em especial da Ásia, preocupa a indústria calçadista como um todo. A Abicalçados tem atuado junto ao governo federal para conter a entrada massiva de produtos asiáticos — principalmente do Vietnã, Indonésia e China.

“A Abicalçados vem alertando o governo federal sobre a invasão de calçados asiáticos. O pleito diz respeito ao aperfeiçoamento de mecanismos de defesa comercial, como o antidumping, que hoje existe apenas contra o calçado chinês, além da possibilidade de criação de cotas para importação”, explica o dirigente. Dados elaborados

pela Abicalçados apontam que, somente em abril, entraram no Brasil 3,6 milhões de pares, pelos quais foram pagos US\$ 46,6 milhões, incrementos de 41,2% em volume e de 69,3% em receita na relação com o mesmo período de 2024. No acumulado do ano, as importações somaram 16,5 milhões de pares e US\$ 188,9 milhões, altas tanto em volume (+28,3%) quanto em receita (+23,4%) em relação ao mesmo intervalo do ano passado.

Ainda na esfera federal, a entidade trabalha pelo não retrocesso da reforma trabalhista, bem como pela simplificação tributária do trabalho. No âmbito estadual, a principal demanda é pela internalização da deliberação do Comsefaz, que prevê o aumento da alíquota de ICMS de 17% para 20% sobre vendas realizadas via plataformas internacionais de e-commerce. A medida visa alinhar a tributação dos produtos importados com a dos produtos nacionais, tornando a competição mais equilibrada e estimulando o consumo de bens produzidos no Brasil.

Logística e formação de mão

de obra qualificada são outros dos desafios para o setor calçadista, como de resto para todos os segmentos industriais brasileiros. Segundo Ferreira, o sistema de transportes do País é ineficiente e de alto custo, o que compromete a competitividade nos mercados interno e externo. Além da necessidade de políticas públicas e incentivos para capacitação, o setor entende que é importante resgatar o interesse dos jovens pela carreira industrial.

“A questão da mão de obra é um desafio muito importante para a indústria em geral. Precisamos não somente de mais incentivos e projetos de capacitação, mas também resgatar, no jovem brasileiro, a vontade e o orgulho de trabalhar na indústria por meio do investimento maciço em tecnologia”, sugere.

Neste ponto, o dirigente cita a instalação de uma nova escola Sesi de Ensino Médio e educação de jovens e adultos em Novo Hamburgo, mais especificamente na Feevale, além da nova unidade móvel do Senai-RS para atuação nos segmentos de couro e calçado na região do Vale do Sinos.

Feito aqui

Em março, foi lançado o selo do calçado ‘Desenvolvido no RS’ (DRGS), uma iniciativa do Sindicato da Indústria de Calçados do Estado do Rio Grande do Sul (Sicergs), em evento promovido pela Frente Parlamentar do Setor Coureiro-calçadista, da Assembleia, em parceria com o Sicergs e os sindicatos das Indústrias de Calçados de Igrejinha, Novo Hamburgo, Sapiranga, Parobé, Três Coroas, Campo Bom, Estância Velha, Dois Irmãos, Ivoti e Farroupilha e o Sindicato das Indústrias do Vestuário e do Calçado de São Leopoldo.

e +25,6% em receita) em relação ao mesmo intervalo de 2024. Antes principal destino dos pares nacionais, os Estados Unidos caíram para o segundo lugar no quadrimestre, com a importação de 3,53 milhões de pares brasileiros por US\$ 67,36 milhões, incremento de 1,7% em volume e queda de 6,3% em receita ante igual período de 2024.

No mês de abril, as principais origens das importações foram a China (1,16 milhão de pares e US\$ 2,5 milhões, incremento de 3,3%

em volume e queda de 25,4% em receita na relação com abril passado), Vietnã (951,58 mil pares e US\$ 19,74 milhões, incrementos de 62% e 83%, respectivamente, ante abril de 2024) e Indonésia (742 mil pares e US\$ 14,35 milhões, incrementos de 152,7% e 192,5%, respectivamente, ante abril de 2024).

Com base nos números do MTE, a indústria calçadista brasileira criou 979 novas vagas em março. O saldo do trimestre ficou positivo em 9,1 mil empregos.

INDÚSTRIA

Por dentro da 'fábrica de fábricas' do Grupo Herval em Dois Irmãos

Empresa fundada em 1959 possui produção verticalizada de móveis, colchões e estofados

Ana Stobbe e Guilherme Kolling, de Dois Irmãos

Em 10 de setembro de 1959, o município de Dois Irmãos se separou de São Leopoldo e conquistou a emancipação. Menos de um mês depois, Felipe Seger Sobrinho fundou a Madeireira Herval, hoje comandada por seu filho, Agnelo Seger. A produção na empresa foi sendo expandida gradualmente, abrangendo móveis e estofados, até se tornar uma gigante multimarcas, com o novo nome de Grupo Herval. Sob o comando de Agnelo estão 27 marcas de indústria, varejo, serviços e tecnologia, como Herval Móveis e Colchões, TaQi, HS Consórcios e iPlace, essa última vende produtos Apple no Brasil e no Uruguai.

A reportagem do **Jornal do Comércio** esteve na cidade e conheceu por dentro a operação do complexo industrial às margens da rodovia

BR-116, em Dois Irmãos, passando pelas fábricas de móveis, estofados, além de outras linhas de produção em diversos pavilhões, que somam 220 mil metros quadrados de área construída. As construções mais antigas, da década de 1980, feitas de tijolos e com um teto mais baixo, atualmente são utilizadas para a produção de estofados. Lá, são fabricados 295 modelos de colchão. A produção é verticalizada. Ou seja, diferentes materiais que compõem os produtos finais que chegam ao mercado são produzidos lá.

No caso dos colchões, além dos estofados, são fabricadas molas (que também são ensacadas individualmente para produzir um melhor molejo dos produtos) e espumas. Também é nos pavilhões que ocorrem os processos de corte e costura dos tecidos, cura e dublagem dos estofados e a montagem que une todos os produtos em um só, sem falar na composição química das espumas usadas nos estofados. O mais interessante é que, além dos próprios produtos da Herval, essa produção fornece peças para uma infinidade de outras

marcas, abastecendo diversas indústrias no Rio Grande do Sul, no Brasil e até no exterior. São assentos em espuma para fábricas de cadeiras ou ônibus, peças para sutiãs e artefatos utilizados em automóveis e calçados. Assim, o complexo industrial da Herval é também uma verdadeira "fábrica de fábricas".

Entre os clientes do ramo automobilístico estão gigantes como Honda e Toyota e, no setor de fabricação de ônibus, as gaúchas Marcopolo e Comil. "Há muitas empresas que fazem questão de ressaltar que usam nossos estofados, como um atestado de qualidade", conta o CEO, Agnelo Seger, que guiou a reportagem durante a visita, ao lado da analista de sistema de gestão da qualidade sênior, Ana Paula Kolling.

No ramo de calçados, há clientes na própria cidade de Dois Irmãos e gigantes que exportam para outros países, como a Calçados Beira Rio e a Vulcabras. A Herval entrega solados de poliuretano, lâminas de látex e materiais para estofamento de calçados e palmilhas. Além disso, a indústria é a maior fornecedora de espuma para



Complexo industrial no Vale do Sinos produz milhares de produtos

bojos de sutiã no Brasil.

No processo químico, automatizado por computadores, em 10 segundos é misturada a fórmula que produz as espumas dos estofados, utilizando ISO TDI e polioliol, armazenados em grandes tanques. Inicialmente em estado líquido, o material é aquecido até 150º e se expande, tornando-se sólido. No pavilhão de cura, os blocos de 60 metros de espuma são armazenados em 38 mega gavetas para esfriar antes de seguirem aos processos de corte. Como a produção é realizada de maneira contínua, os blocos — já impressionantemente grandes — poderiam ter um tamanho ainda maior.

O Grupo Herval ainda alia a modernidade com a tradição. Em um outro pavilhão, os blocos de espuma são produzidos em caixotes, e

não de maneira contínua, resultando em produtos menores. "Temos clientes antigos que ainda nos pedem essa produção mais artesanal e são clientes muito especiais para nós, que não queremos perder", explica Agnelo. Os caixotes também servem para a produção de novas fórmulas nas etapas de teste.

A indústria moveleira, situada nos maiores e mais modernos prédios com um pé direito de 12 metros de altura, possui duas linhas de produção. Uma, mais artesanal, entrega móveis de alto padrão, principalmente para a Uultis, marca do Grupo Herval que exporta para os Estados Unidos. A produção em série atende a vários clientes, incluindo marcas pertencentes ao conglomerado, como a Édez, e clientes externos como a Tok Stok.

Investimentos e sustentabilidade são constantes

A mais recente expansão do Grupo Herval foi na construção de um novo prédio que comporta a marcenaria no complexo de Dois Irmãos. Com 54 mil metros quadrados, a estrutura inaugurada em 2023 também abarca escritórios de e-commerce, da HS Consórcios, da Herval Corretora e da HS Financeira. Agnelo Seger garante que a empresa está sempre realizando algum investimento.

A Herval possui 10 unidades industriais entre Rio Grande do Sul e Pernambuco. Além disso, tem centros de distribuição em São Paulo, no Espírito Santo e nos Estados Unidos. No caso da iPlace, um novo escritório foi inaugurado neste mês em São Paulo. A quantidade de estruturas explica o constante aporte de recursos. Atualmente, sete novas máquinas adquiridas para setores variados da produção industrial estão passando pelos trâmites necessários para o seu transporte ao Brasil. Outras chegaram recentemente.

Um exemplo foi observado durante a visita: em uma das esteiras, o CEO percebeu uma produção mais lenta que o comum e, ao questionar os funcionários, obteve uma

resposta que o alegrou: "estamos aprendendo o novo processo de embalagem, com a máquina nova", explicaram. Dois Irmãos é região de colonização alemã e, também influenciada por isso, boa parte do maquinário mais moderno da Herval vem da Alemanha. Mas é possível ver uma verdadeira união de países entre as máquinas, com importações de outras nações como Itália, Estados Unidos e, mais recentemente, da China. "Os chineses têm avançado muito em tecnologia", avalia Agnelo.

Outra constante é a aposta em práticas sustentáveis, o ESG (Environmental, Social, and Governance) está na agenda. O Grupo Herval foi pioneiro no Brasil na produção de estofados sem emissão de CFC (cloro, flúor e carbono, que podem causar danos à camada de ozônio), tendo recebido uma certificação da Organização das Nações Unidas (ONU). Resíduos da produção também são reaproveitados. Enquanto os cones do setor de costura são transformados em "pés" de móveis, os tecidos de TNT da assistência técnica de colchões são utilizados na embalagem feita para o envio de produtos.

Para Agnelo, indústria enfrenta desafios, mas busca modernização

Há mais de 100 vagas não preenchidas no Grupo Herval. Já são vários meses nesta situação. A carência de mão de obra é, para Agnelo Seger, o principal desafio da indústria gaúcha no momento. Parte dos postos de trabalho tem sido preenchida por estrangeiros que tentam melhorar de vida no Brasil. Durante a visita à indústria, a equipe do Jornal do Comércio identificou um imigrante venezuelano atuando na produção.

"A mão de obra que nós temos é boa, mas é pouca. A indústria

também tem que começar a criar mais atrativos, ser cada vez mais humana", avalia o CEO. No caso da empresa, o investimento tem sido na criação de espaços de convivência, além de um moderno refeitório.

Outra questão importante observada pelo executivo está na formação de profissionais. O Grupo Herval possui uma escola industrial o que, conforme o CEO, ajuda a garantir a manutenção do padrão e da qualidade dos produtos fabricados. Entretanto, ele

também destaca iniciativas como as escolas técnicas de instituições como o Senai.

O caminho a ser trilhado pela indústria brasileira, para Agnelo, passa pelo investimento em tecnologia e automação, com aposta na Inteligência Artificial. "Hoje avançamos e a indústria já não é mais a 4.0. A questão da automação pode auxiliar (no problema da falta de mão de obra). A Inteligência Artificial vai poder nos ajudar muito, precisamos nos apropriar disso", pontua.



Executivo aponta carência de mão de obra como um dos principais desafios do setor industrial no Estado

INDÚSTRIA MOVELEIRA

Fábricas de móveis apostam nas exportações neste ano

Segmento tem encontrado várias novas oportunidades de mercado para a colocação do produto nacional

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

O mercado externo deve ser um importante canal de venda para a indústria moveleira do Rio Grande do Sul, em 2025. Ainda que pouco representativas no faturamento total do setor, de R\$ 13,5 bilhões no ano passado, as exportações, que foram de US\$ 261 milhões, têm se caracterizado por abertura de novos mercados e retorno de tradicionais compradores, fato constatado durante a Movelsul, feira realizada em fevereiro, em Bento Gonçalves.

O presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), Euclides Longhi, destaca que no primeiro trimestre do ano o setor consolidou faturamento de R\$ 3,2 bilhões, alta de 12,7% sobre igual período do ano passado. As exportações somaram US\$ 197 milhões, crescimento de 3,7% na mesma base de comparação.

Destaque neste ano é a retomada das vendas para a Argentina, principal comprador no passado, mas que chegou próximo de zero em decorrência de problemas internos do país. Outros importantes mercados do trimestre foram



JEFERSON SOLDI/DIVULGAÇÃO/CIDADES

Sindmóveis projeta uma retração de 3,5% em relação ao ano passado

Uruguai, Peru, México, Paraguai e França, além dos Estados Unidos. Equador e Porto Rico são novos países que começam a mostrar interesse no móvel nacional.

A vice-presidente do Sindicato do Mobiliário de Bento Gonçalves (Sindmóveis), Priscila Manfroí, reforça que a exportação é um bom caminho para o setor, que tem seu produto bem avaliado no exterior por sua qualidade e design. De acordo com dados do primeiro trimestre, as vendas externas representaram R\$ 13 milhões, algo como dois por cento do faturamento da atividade, em Bento, que foi de R\$ 800 milhões.

Longhi acredita que a nova política comercial do governo de Donald Trump pode gerar oportunidades de negócios para a indústria nacional de móveis no médio e longo prazo, já antiga fornecedora

para os americanos. O dirigente frisa que as empresas exportadoras têm explorado nichos de mercado e investido em design, inovação e parcerias estratégicas em países-chave.



VAGÃO FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Priscila avalia que a exportação é um bom caminho para o setor

Mercado interno pode enfrentar desaquecimento

A alta de 12,7% no faturamento trimestral tem muita relação com a inflação do período, não devendo se manter ao longo dos próximos meses. Ele estima crescimento final de 3% a 4%, segundo Euclides Longhi, presidente da Movergs. O dirigente avalia que o mercado interno deverá apresentar problemas, principalmente no segmento de maior consumo, as classes C e D, responsáveis por 80% das compras. “A inflação deve frear as compras nestas faixas”, estima. Em relação aos públicos A e B, a tendência é de reflexos menores.

Longhi observa que o setor tem se preocupado em negociar com os lojistas repasses de aumentos por conta dos reajustes na cadeia de fornecimento. “Parte é absorvida pela indústria e a diferença é negociada para que o varejista possa ter margens junto aos clientes”, explica.

Após o crescimento em 2024, a vice-presidente do Sindmóveis, Priscila Manfroí, entende que 2025 é um ano de insegurança interna e com mercado retraído. Estima que, com a importante contribuição da Movelsul, o setor

conseguirá ter um exercício similar ao passado. Ela não projeta problemas com a cadeia de suprimentos em função do mercado mais estagnado do que em 2024. “Já temos matéria-prima disponível e com redução no prazo de entrega, excetuando-se algum caso específico. O que interfere negativamente é o Custo Brasil, com inflação em alta, impactando toda a cadeia. É o grande desafio”, sinaliza.

Priscila demonstra preocupação com as taxas elevadas de juros, que dificultam os investimentos necessários para a modernização fabril. “A realidade de expansão que estamos vivendo no momento não é geral, é localizada em algumas empresas, se diferenciaram pelas exportações”, alerta. Segundo ela, pensar no longo prazo com juros em 15% é uma situação difícil para o empreendedor. “Temos de seguir buscando mão de obra, mais mercados e tecnologias. Mas o momento requer cautela”, avalia.

Longhi ressalta que o setor tem várias preocupações para o exercício. A primeira é com o aumento de custo de produção, elevando o risco inflacionário. A segunda é a dificuldade na mão de obra que pode limitar o crescimento ao longo do ano e, por fim, as elevadas taxas de juros, as quais afetam o acesso do consumidor ao crédito e das empresas às linhas de capital para modernização.

De acordo com o dirigente, a cadeia de suprimentos de chapas, principal insumo do setor, ainda não foi totalmente normalizada após as enchentes de maio de 2024. As duas fábricas existentes no Estado ficaram 30 dias paralisadas e ainda têm problemas com as entregas, especialmente pela euforia que atingiu o setor no segundo semestre de 2024 para reposição de móveis perdidos nas enchentes.



VAGÃO FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Longhi demonstra preocupação com custo de produção

TRABALHO

Carência de mão de obra limita expansão das atividades moveleira e metalmeccânica

Problema generalizado nas atividades produtivas da Serra Gaúcha, a falta de mão de obra já é apontada como fator limitante para a continuidade do desenvolvimento econômico da região. Representantes das indústrias metalmeccânica, com polo em Caxias do Sul, e moveleira, em Bento Gonçalves, manifestam que a situação, já crítica, tende a se agravar, o que leva as empresas a incorporar cada vez mais processos automatizados.

Euclides Longhi, presidente da Movergs, representação estadual do setor moveleiro, afirma que o gargalo já é sentido em 2025,

afetando o crescimento do setor. Argumenta que a alternativa mais viável é a automação e o acesso aos equipamentos será facilitado, em agosto, com a realização da Fimma Brasil, feira de máquinas, matérias-primas e insumos. “É lógico que nem todas as empresas conseguirão automatizar no curto prazo. Ainda mais neste momento de juros elevados, que complicam a contratação de financiamentos”, alega.

A atividade tem no Centro Tecnológico Moveleiro (Cetemo), ligado ao Senai, um forte aliado na formação de mão obra. Nos

últimos anos, no entanto, por conta da baixa procura, o ritmo de entrega da entidade já não é o mesmo. “As pessoas são imediatas e não vislumbram no longo prazo. Com isso, não se especializam e mudam de emprego e de atividade com muita frequência. Por decorrência, não fazem carreira”, avalia. Como forma de atrair e reter os funcionários, as empresas têm investido em benefícios e incentivos, além de oferecerem alimentação e transporte, dentre outros serviços.

De acordo com a vice-presidente do Sindicato das Indústrias do Mobiliário de Bento Gonçalves

(Sindmóveis), Priscila Manfroí, são muitas as vagas disponíveis no segmento de móveis, responsável por seis mil empregos na região de abrangência da entidade. Ela não vislumbra soluções a curto prazo. “Há, sim, riscos de estagnação no setor”, reforça. A entidade representa em torno de 300 empresas sediadas também em Monte Belo do Sul, Pinto Bandeira e Santa Teresa.

A dirigente defende uma mobilização em busca de incentivos públicos para intensificar a adoção de tecnologias mais produtivas para modernizar os parques

fabris. “Precisamos ficar menos dependentes da mão de obra, falta gente para contratar”, afirma. Destaca que é necessário seguir os exemplos dos grandes países produtores, como Itália, Alemanha e França, que têm altos níveis de automação. “É urgente o investimento para assegurar plena produção. Não se trata de substituir, mas modernizar e garantir a empregabilidade”, frisa. Segundo a dirigente, a falta de pessoal vai do operacional aos setores de alta hierarquia, principalmente em funções especializadas, como engenharias para determinados processos.

POLO METALMECÂNICO

Indústria metalmecânica projeta ano de dificuldades

Cenário de insegurança no setor deve persistir em 2026

A sensação externada por boa parte do empresariado da Serra Gaúcha ligado ao segmento metalmeccânico é que, da forma como a economia e a política vêm sendo conduzidas atualmente, tanto 2025 quanto 2026 devem ser anos de indicadores similares ao exercício passado ou abaixo. O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs), Ubiratã Rezler, observa que tem ouvido muitos relatos de dificuldades e alguns, de setores específicos, demonstrando satisfação. “A verdade é que as empresas estão desacelerando as atividades e a expectativa é de manutenção do cenário do ano passado”, projeta.

De acordo com o dirigente, o cenário se estende para 2026 por conta das eleições, da adoção da reforma tributária em função do início do período de dualidade e de prováveis mudanças na legislação trabalhista em decorrência da proposta de fim da escala 6x1. Rezler destaca que há um encaminhamento no sentido de aprovar 40 horas

semanais, sem redução salarial. “O prejuízo será grande e reduzirá ainda mais a já baixa produtividade do setor”, observa Rezler. Para ele, a política trabalhista brasileira é engessada e precisa ser rediscutida para tornar-se mais flexível.

Outra preocupação para o ano é com a cadeia de fornecimento, em que parte dos insumos têm sido reajustados em até 15%. Os importados em razão da volatilidade da moeda e os nacionais pelo Custo Brasil. Acrescenta-se a isto a expectativa de reajuste na energia elétrica em razão da baixa dos reservatórios hídricos. A mão de obra, em falta no setor, preocupa pela volatilidade, com uma grande rotatividade, mas também pelo aumento dos custos dos benefícios ofertados, como alimentação, transporte e saúde.

Rezler avalia a guerra comercial que o novo governo americano abriu com vários parceiros sob duas óticas. A primeira é de que o aumento maior para a maioria dos países, poupando o Brasil que ficou com 10% da tarifa, abre oportunidades para o empresariado local. Já a China deve buscar outros mercados para colocar os itens que produz. “Passa a ser uma ameaça indireta. O Brasil consegue colocar



Entre as preocupações de 2025 estão os reajustes de até 15% em insumos da cadeia de fornecimento

sua produção nos Estados Unidos, mas é ameaçado em outros mercados. O empresário deve estar atento para não perder oportunidades, a exportação deve ser estratégica e não oportunista”, recomenda.

Mesmo diante do quadro de incertezas e ameaças, Ubiratã Rezler argumenta que o empresariado deve manter uma política cautelosa de investimentos, aplicando

naquilo que é necessário. “Investimento zero é nefasto e o momento atual é de redução nos preços das máquinas em função do mercado mais retraído”, alerta.

Frisa que, a princípio, aplicar os recursos no sistema financeiro com juros elevados pode ser interessante, mas a perda futura também deve ser considerada. “Melhorar o ambiente de trabalho e modernizar

com cuidado é fundamental para o crescimento do negócio”, afirma. Avalia que produtos novos têm passado por um momento de queda no mercado, enquanto os focados em manutenção e reforma estão em alta, como máquinas agrícolas, caminhões e implementos rodoviários. “É preciso ser competitivo e criativo para vencer esta etapa”, registra.

Simecs estima que há 5 mil vagas em aberto no segmento

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs), Ubiratã Rezler, estima algo como 5 mil vagas em aberto na região de abrangência da entidade, número que tem se mantido ao longo dos anos em razão da grande rotatividade. Um dos pontos cruciais, na sua avaliação, é o baixo engajamento das novas gerações, diferentemente de trabalhadores com mais experiência.

O dirigente destaca que o problema é mais crítico nas médias e pequenas empresas, onde o crescimento na carreira é mais difícil, além de a maioria ser familiar. Ainda que em menor escala, as grandes organizações também se ressentem de carência de pessoal. “É uma preocupação muito grande e pode comprometer a expansão do setor”, indica. De acordo com Rezler, as empresas têm feito várias ações, inclusive incentivando seus próprios funcionários a auxiliarem nas

contratações com a contrapartida de benefícios. Outras saídas são intensificar a busca por pessoas com mais idade, acima dos 50 anos, e contratar mais imigrantes, cujo número têm crescido.

O Simecs, por sua vez, investiu no programa Escola do Manhã, em parceria com a Prefeitura de Caxias, para formar jovens da rede municipal com idades entre 14 e 16 anos no curso de robótica e protótipos mecatrônicos, com duração de 120 horas. Iniciado no ano passado, o curso, em 2025, teve a abrangência ampliada para 12 municípios da Serra, com expectativa de atender 1.500 alunos dos últimos anos do ensino fundamental e ensino médio da rede pública estadual.

A entidade também defende mudanças em legislação que proíbe o jovem com menos 18 anos de trabalhar em ambientes considerados insalubres. Rezler entende ser possível criar mecanismos para neutralizar esta situação, como uso de

equipamentos de segurança e jornada reduzida. “Sem este jovem vejo um futuro cada vez mais difícil para a indústria”, alerta.

Em Caxias do Sul, as escolas do Senai sempre foram as principais formadoras de mão de obra para o setor. Ainda que siga relevante, atendendo gratuitamente um grande número de estudantes em situação de vulnerabilidade, a entidade se depara com a falta de interessados para vários cursos oferecidos. “É uma ferramenta importante, mas pode-se discutir se está no caminho certo diante das mudanças do perfil do jovem”, ressalta.

Rezler também alerta para a necessidade de uma visão pública mais adequada na criação de atrativos que retenham os trabalhadores e as empresas na cidade. “É preciso criar um ambiente mais saudável, que a comunidade seja atrativa e acolhedora para quem vem de fora e quem já está aqui. Perde-se muita gente por falta de atrativos”, comenta.

Entidade mobilizada para descarbonização

Uma das principais ações do Simecs, iniciado no ano passado, tem sido incentivar o setor em geral a preocupar-se com a descarbonização, que se tornará essencial na manutenção e crescimento dos negócios. Segundo Ubiratã Rezler, grandes organizações estão transformando produtos com outros insumos para reduzir custos e deixar um legado diferente. “A descarbonização é um pilar de atuação do Simecs e muitos clientes estão investindo nesta estratégia”, afirma.

Para Rezler, que adota a ferramenta em sua empresa desde 2013, o mercado está exigindo esta mudança cultural, que é simples e de baixo custo. “Ela deve ser feita agora e não esperar 2030”, reforçou. O Simecs recebeu recurso para oportunizar a descarbonização junto a associados interessados. No ano passado, foram feitos 70 diagnósticos de empresas e 100 deverão produzir inventário. Para 2026, a meta é dobrar os números.

O presidente reconhece que o assunto não é facilmente deglutível pelo empresário por gerar



Para Rezler, mercado está exigindo mudança cultural das empresas

custos num momento já difícil. Mas frisa que sem a ferramenta a possibilidade de perder clientes importantes e ter dificuldades em gerar novos negócios é muito grande.

“Por enquanto, as iniciativas por ESG são por demanda de mercado e não por iniciativa própria. Importante é aplicar aquilo que faz sentido e provoque mudanças em benefício das comunidades”, reforça.



Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Confira, diariamente, no blog Mercado Digital, conteúdos sobre tecnologia e inovação. Para acessar, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

jornaldocomercio.com/mercadodigital



Indústria acelera na IA em meio a desafios estruturais

A adoção da Inteligência Artificial (IA) pelas indústrias brasileiras ainda é tímida, mas avança em ritmo gradual. Dados da mais recente Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (Pintec), realizada pelo IBGE em 2023, indicam que apenas 17% das empresas industriais utilizam IA — proporção significativamente inferior à observada em tecnologias como computação em nuvem (73,6%) e internet das coisas (48,6%).

As principais barreiras apontadas para a implementação de tecnologias digitais avançadas, como a IA, foram a falta de funcionários qualificados internamente (54,6%) e a escassez de profissionais no mercado (49%). A maioria das indústrias brasileiras ainda não utiliza IA, segundo a Pesquisa Global da McKinsey, de 2024. A maior parte delas está em fase de testes em marketing, vendas e engenharia; as líderes, porém, desenvolvem modelos próprios e envolvem o alto escalão na estratégia.

“O instinto de muitas empresas é delegar a implementação ao departamento de TI ou digital, mas, repetidamente, isso acaba sendo



Dados da mais recente Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica indicam que só 17% das empresas utilizam IA

uma receita para o fracasso”, avalia Alexander Sukharevsky, sócio sênior e colíder global da QuantumBlack, AI by McKinsey. Um dos pontos críticos é o impacto que a adoção de tecnologias avançadas tem na organização, incluindo a questão de contratações especializadas. “É uma transformação

potencialmente cara, que exige o uso intensivo de recursos e talentos, às vezes escassos.”

São desafios que impactam de forma mais crítica setores ligados ao desenvolvimento de novos produtos. Uma forma de medir a incorporação de IA na produção é o volume de patentes. E a resposta é que

sim: estão aumentando os pedidos de patentes desse tipo, de acordo com o estudo Inteligência Artificial em Máquinas e Equipamentos, publicado pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), em parceria com o Núcleo de Inteligência em Propriedade Industrial (NIPI). No entanto, a maior

parte dos depósitos de patentes (fase que é anterior ao registro) não é de empresas ou instituições brasileiras.

A pesquisa fez um levantamento de documentações entre 2001 e 2019 com solicitação de IA abrangida em máquinas e equipamentos — pesquisa que tem limitações de informações devido aos prazos de sigilo e tratados internacionais que podem chegar a 36 meses. A constatação foi a de que, em média, são registrados 450 depósitos por ano, mas somente 100 deles são feitos por pessoas, marcas ou instituições residentes no Brasil, e o estudo demonstra que houve melhora gradativa nesse dado sobretudo a partir de 2015.

Outro dado desse estudo revela que cerca de 60% dos depósitos nacionais vêm de universidades públicas, o que reforça a necessidade de conectar academia e indústria para acelerar a transferência tecnológica. As categorias mais frequentes nos pedidos nacionais envolvem visão computacional em equipamentos médicos, sistemas de reconhecimento de padrões e dispositivos elétricos.

RS lidera projetos de inovação apoiados pela Finep na NIB

O Rio Grande do Sul é o estado brasileiro com o maior número de projetos de inovação apoiados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) dentro da Nova Indústria Brasil (NIB), política nacional de reindustrialização lançada pelo governo federal. Em 2024, das 1.416 iniciativas aprovadas nacionalmente pelo programa, 294 são lideradas por empresas, startups e Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs) gaúchas — o que corresponde a 20,7% do total nacional —, de acordo com dados

divulgados pela Finep. Os projetos gaúchos receberam R\$ 2,9 bilhões em investimentos. O programa de estímulo à reindustrialização tem a Finep, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), como uma das principais instituições operadoras dessa iniciativa. Em todo o País, os projetos receberam investimentos que somam R\$ 21,2 bilhões ao longo do ano, sendo R\$ 17,83 bilhões aportados pela Finep e R\$ 3,37 bilhões investidos como contrapartida pelas empresas participantes.

Big techs apostam em crescimento acelerado do uso

Como a Inteligência Artificial está transformando o setor industrial? O que podemos esperar para o futuro? Ouvimos líderes de

algumas das mais importantes empresas de tecnologia do mundo para entender todo potencial da IA para o presente e o futuro:

'IA é um amplificador da produtividade humana'



Christiano Faig, VP de Tecnologia e Soluções na Microsoft Brasil

A Inteligência Artificial (IA) está redefinindo a indústria ao impulsionar uma profunda transformação digital nas empresas, independentemente do seu tamanho e segmento. A Microsoft enxerga a IA como um amplificador da produtividade humana, capaz de ajudar em tarefas repetitivas com precisão e eficiência, permitindo aos colaboradores concentrarem-se em atividades estratégicas e criativas.

R\$ 14,7 bilhões em infraestrutura

A IA pode ser a chave para enfrentar grandes desafios sociais e econômicos, elevando a competitividade da indústria brasileira. Para que o potencial dessa tecnologia no País seja plenamente alcançado, sabemos que devemos fazer isso com responsabilidade e promovendo um desenvolvimento econômico igualitário. Por isso, anunciamos em setembro de 2024 um investimento de R\$ 14,7 bilhões em infraestrutura de nuvem e IA no Brasil por três anos, além de um compromisso em treinar 5 milhões de brasileiros com o objetivo de endereçar a mudança na força de trabalho.

Interação entre humanos e tecnologia

No Brasil, empresas como a Suzano estão impulsionando sua eficiência e reduzindo erros ao usar a IA para otimizar processos industriais como o cozimento da celulose. Já a MRV está aumentando seus resultados da Sofia, um chatbot alimentado por IA que oferece atendimento inovador e personalizado aos clientes. Projetamos uma era na qual a interação entre humanos e tecnologia será cada vez mais fluida e intuitiva, graças aos avanços em agentes de IA. Cada colaborador contará com um copiloto de IA, auxiliado por agentes especializados em automatizar e otimizar processos empresariais.

Startup gaúcha destaca aumento do espaço para robôs humanoides

A Pix Force é uma das empresas gaúchas que integram a Nova Indústria Brasil (NIB), programa federal de reindustrialização e inovação tecnológica. Com crescimento de 40% registrado em 2024, a startup projeta dobrar esse resultado em 2025, apostando em soluções de visão computacional e inteligência artificial para aumentar a eficiência das operações industriais.

Em processo de internacionalização, a Pix Force, que já tem escritórios nos Estados Unidos e na Finlândia, prepara a abertura de uma nova unidade em Hong Kong ainda neste ano. Para Daniel Moura, cofundador da startup, a inteligência artificial será decisiva para tornar a indústria mais segura, produtiva e sustentável, acelerando o avanço rumo à Indústria 4.0.

Mercado Digital - Qual a maior contribuição que a IA pode dar para a indústria?

Daniel Moura — A maior contribuição da IA hoje é melhorar as inspeções visuais: identificar falhas, prevenir acidentes e garantir a qualidade. Isso vale para segurança do trabalho, controle de qualidade e proteção de ativos. Mas é só o começo. Em pouco tempo, agentes de IA vão tomar decisões completas dentro de uma fábrica — como definir preços, fazer compras e gerenciar operações com base em dados. E os robôs humanoides também



PIX FORCE/DIVULGAÇÃO/JC

Moura: processo amplia oportunidades em mercados interconectados

vão ganhar espaço, assumindo tarefas repetitivas nas linhas de produção.

Mercado Digital - As empresas estão maduras sobre IA?

Moura — Ainda existe pouca maturidade. A boa notícia é que a maioria já entendeu que a IA é inevitável. Quem não se adaptar vai ficar para trás. Isso lembra muito o que aconteceu nas revoluções industriais anteriores. A maturidade virá com o tempo, conforme as empresas comecem a usar de verdade.

Mercado Digital - Como a Pix Force vem se posicionando?

Moura — A Pix Force é hoje uma referência em inteligência artificial aplicada à visão computacional industrial. Temos atuação em todo o Brasil e escritórios comerciais nos Estados Unidos, Europa e Hong Kong, com clientes

já utilizando nossas soluções. Nosso diferencial é dominar profundamente a tecnologia e saber aplicá-la na prática, falando a linguagem da indústria — o que nos permite entregar resultados concretos e escaláveis.

Mercado Digital - Pode citar dois casos de sucesso?

Moura — O primeiro é o Pix Safety, que transforma câmeras comuns já instaladas nas fábricas em sensores inteligentes, capazes de detectar riscos em tempo real e evitar acidentes. Já está em operação em indústrias de petróleo, alimentos, bebidas, siderurgia e química. O segundo é o uso de drones autônomos para inspecionar locais perigosos ou de difícil acesso. Eles voam sozinhos, registram imagens e a IA analisa tudo, detectando corrosão, calor, rachaduras e outros problemas.

'Assistentes inteligentes impactam toda a cadeia de valor'

A IA está impulsionando uma verdadeira revolução na economia — e não é diferente com a indústria. A IA preditiva e a generativa já ajudam empresas industriais a otimizar processos, prever demandas e criar soluções mais personalizadas e inovadoras. Por exemplo, a IA preditiva permite que indústrias analisem grandes volumes de dados em tempo real para antecipar falhas em equipamentos, otimizar cadeias de suprimentos e melhorar a eficiência operacional.

Simulando cenários complexos

A capacidade generativa da tecnologia está abrindo novas possibilidades na criação de designs de produtos, simulações de cenários complexos e até mesmo na geração de conteúdo técnico, acelerando o desenvolvimento e a inovação do setor. Os agentes de IA, como o Agentforce, da Salesforce, serão a próxima grande transformação no setor. Eles têm o potencial de combinar os avanços atuais da IA com a capacidade de executar ações a partir de um conjunto de instruções, com muito mais autonomia e personalização. Na prática, isso pode desbloquear um novo nível de produtividade na indústria.

Manutenção automática

Imagine um cenário aonde agentes de IA possam não apenas prever uma falha em uma máquina, mas também iniciar automaticamente o processo de manutenção, encomendar peças necessárias e notificar equipes relevantes — tudo isso de forma integrada e sem intervenção humana. O impacto será grande.

'Indústria caminha para ser mais sustentável e orientada a dados'

A Inteligência Artificial está desempenhando papel fundamental na transformação do setor industrial, tornando os processos mais inteligentes, automatizados e baseados em dados. O Brasil é o País mais otimista da América Latina quanto ao uso da IA no ambiente de trabalho, segundo a pesquisa "Inteligência Artificial no mundo corporativo", da SAP. De modo geral, 44% das empresas brasileiras já percebem impactos concretos com a adoção da IA. Os principais motores dessa adoção são claros: melhorar a experiência do cliente (64%) e aumentar a produtividade organizacional (51%).

Do hype para o resultado

O ano de 2024 foi marcado pela adoção da IA Generativa pelo hype, o que não significa que resultados importantes não foram alcançados. Contudo, 2025 ficará marcado como o momento em que o recurso será efetivamente empregado em prol das corporações. Temos visto a IA ser aplicada com sucesso na previsão de falhas em equipamentos, na automação de tarefas repetitivas e na otimização da cadeia de suprimentos. Nossa copiloto, a Joule, tem gerado ganhos de eficiência de ao menos 20% aos clientes SAP. O futuro aponta para uma indústria mais conectada, sustentável e orientada por dados.



SALESFORCE/DIVULGAÇÃO/JC

Gabriel Dornella, diretor sênior da Salesforce

'Futuro caminha para sistemas mais autônomos'

A Inteligência Artificial (IA) tem provocado uma transformação profunda em praticamente todos os setores da economia. Está mudando a forma como as organizações tomam decisões, otimizam processos, interagem com clientes e criam novos modelos de negócio. A IA está cada vez mais acessível, permitindo que empresas de todos os portes inovem com mais velocidade, precisão e escala.

Indústria 4.0

A IA tem acelerado a jornada rumo à Indústria 4.0, viabilizando operações mais eficientes, seguras, produtivas e sustentáveis, por meio de soluções como manutenção preditiva, inspeções visuais automatizadas, controle de qualidade baseado em visão computacional, otimização de cadeias de suprimentos e robôs colaborativos.

A combinação de IA com Internet das Coisas (IoT) e o volume de dados expressivos tem criado um cenário positivo cada vez mais para a IA entender e executar com ganhos reais em competitividade.

Agentes coordenando cadeia de suprimentos

O futuro da IA caminha para sistemas cada vez mais autônomos, personalizados e colaborativos.

Os agentes inteligentes são capazes de perceber o ambiente, tomar decisões, agir de forma autônoma e aprender com as consequências dessas ações.

Estamos falando de IA que não apenas responde, mas que inicia ações, se adapta ao contexto e trabalha proativamente em conjunto com humanos e outros agentes. No setor industrial, os agentes de IA têm o potencial de transformar completamente as operações.



IBM/DIVULGAÇÃO/JC

Thiago Viola, diretor de IA, data e automação da IBM Brasil



SAP/DIVULGAÇÃO/JC

Rogério Ceccato, Head of Solution Advisory da SAP Brasil

Há 92 anos, o Jornal do Comércio acompanha a transformação do Rio Grande do Sul.

Desde a primeira impressão, nossa missão sempre foi clara: apoiar o desenvolvimento econômico e social, informando com profundidade e responsabilidade. Inovando, conectando e entregando conteúdos de qualidade e credibilidade.

Hoje, somos mais que um jornal, somos conteúdos especiais que antecipam tendências, eventos que conectam pessoas, podcasts e colunas que geram debates e uma redação que vive o agora no impresso, no digital e nas redes.

Em cada produto, o compromisso de levar ao leitor o que realmente importa.

Jornal do Comércio, há 92 anos conectando dados, ideias e decisões.

Jornal do Comércio 92
O jornal de economia e negócios do RS ANOS